



Universidade De Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGEA/UNB

Tese de Doutorado

GRAFITES NAS SUPERQUADRAS DE BRASÍLIA: DA INVISIBILIDADE AO MAPA  
ONLINE E ROTAS DE VISITAÇÃO

Marcos Roberto Farias Ferreira

Orientador: Prof. Dr. Valdir Adilson Steinke

Brasília, Julho de 2024.

Universidade De Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGEA/UNB

Marcos Roberto Farias Ferreira

GRAFITES NAS SUPERQUADRAS DE BRASÍLIA: DA INVISIBILIDADE AO MAPA  
ONLINE E ROTAS DE VISITAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Geografia, do Instituto de Ciências  
Humanas da Universidade de Brasília, como requisito  
para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de Concentração: Gestão Ambiental e Territorial

Linha de pesquisa: Geoprocessamento

Orientador: Prof. Dr. Valdir Adilson Steinke

Brasília

2024

Universidade De Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEA/UNB

GRAFITES NAS SUPERQUADRAS DE BRASÍLIA: DA INVISIBILIDADE AO MAPA  
ONLINE E ROTAS DE VISITAÇÃO

Marcos Roberto Farias Ferreira

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Doutor em Geografia, área de concentração Gestão Ambiental e Territorial, linha de pesquisa: Geoprocessamento.

Brasília, 26 de Julho de 2024.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Valdir Adilson Steinke - GEA/UnB (Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ruth Elias de Paula Laranja - GEA/UnB (Examinadora interna)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Therese Hofmann Gatti Rodrigues da Costa - VIS/UnB (Ex.<sup>a</sup> externa)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina de Souza Manicoba - SESC (Examinadora externa)

---

Prof. Dr. Venícius Juvêncio de Miranda Mendes - SEDUC (Examinador externo)

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós Graduação em Geografia - PPGEA/UNB

#### FICHA CATALOGRÁFICA

FERREIRA, MARCOS ROBERTO FARIAS

Grafites nas Superquadras de Brasília: Da Invisibilidade ao Mapa Online e Rotas de Visitação, 109 p., 297 mm, (UnB-GEA, Doutor, Gestão Ambiental e Territorial, 2024).

Tese de Doutorado – Universidade de Brasília. Departamento de Geografia.

1. Grafite	2. Mapa Online	5 Brasília
3. Rotas	4. Geoiconografia	

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta Tese e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta tese de doutorado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

---

Marcos Roberto Farias Ferreira

## Agradecimentos:

Ao Professor Valdir, orientador nessa empreitada e parceiro de aprendizado na vida.

Às Professoras Therese, Regina e Ruth, avaliadoras deste trabalho, pelas contribuições e aprendizado.

Ao Professor Venícius, avaliador deste trabalho, pelas contribuições e aprendizado.

Ao IBRAM DF, à SUCON e à DIRUC I pelo apóio institucional.

Aos pais, pelos bons valores transmitidos, e por mostrarem a importância da superação.

À irmã, pelo incentivo e apóio nas dificuldades.

Aos amigos e amigas pelo incentivo nessa empreitada e parceria na vida.

*“A cidade tem movimento*

*Quem quiser ver, vamos passear”*

*Ellen Oléria*

## Resumo:

Brasília é geográfica desde a sua concepção, sua localização foi estudada e escolhida. Bem como, por ser apropriada pela população como lugar de vida, resistência e reivindicação através da arte. A arte urbana se faz presente nos Grafites matizados no concreto. E nas Superquadras essa modalidade de arte urbana está presente em suporte não usual, as caixas de energia que foram apropriadas pelos grafiteiros. Porém, circundadas pelos blocos residenciais essas pinturas de arte urbana estão invisíveis para a população em geral. Dessa forma, propomos o mapeamento online integrando fotografias dos Grafites à localização, referente ao ano 2023, e a elaboração de rotas de visitação para o cicloturismo. Foram identificados 86 Grafites nas Superquadras Residenciais das Asas Norte e Sul, os quais foram fotografados e mapeados com uso da ferramenta online *Google Mymaps*, bem como propõe-se cinco rotas de visitação para uso de bicicletas e que podem ser utilizadas como roteiro online.

Palavras Chave: Grafite, Mapa Online, Rotas, Geoiconografia, Brasília.

### **Abstract:**

Brasília has been geographical since its inception, its location was studied and chosen. As well as being appropriated by the population as a place of life, resistance and demands through art. Urban art is present in the graffiti painted on the walls. And in Superblocks this type of urban art is present in an unusual form, the power boxes that were appropriated by graffiti artists. However, surrounded by residential blocks, these works of urban art are invisible to the general population. Therefore, we propose online mapping integrated with photographs of graffiti, referring to the year 2023, and the development of visiting routes for bicycles users. We identified 86 graffiti in the Superblocks of North Wing and South Wing, which were photographed and mapped using the online tool Google Mymaps, as well as creating five visiting routes for bicycle use that can be used as an online itinerary also.

Keywords: Graffiti, Online Map, Routes, Geoiconography, Brasília.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Inscrições de Arte Rupestre.....	32
Figura 2 - Exemplos de Grafites.....	35
Figura 3 - Localização das SQs nas Asas Sul e Norte.....	48
Figura 4 – Fluxo de Procedimentos do Mapeamento Online.....	64
Figura 5 - Fluxo de Procedimentos Rotas de Visitação.....	67
Figura 6 - Visualização no Google Mymaps.....	69
Figura 7 - Densidade de Grafites.....	71
Figura 8 – Rotas de Visitação aos Grafites das SQs de Brasília.....	77
Figura 9 - Interseções entre as Rotas e o Sistema Ciclovitário.....	79
Figura 10 - Exemplo de Trecho de Rota em Rua e Calçada.....	80

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Quantitativo de Grafites por Grupos de Superquadras....	71
Gráfico 2 - Grafites por Rota de Visitação.....	73

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distinção entre Grafite e Pichação.....	36
Quadro 2 – Legislação sobre o Grafite.....	39
Quadro 3 - As Escalas de Planejamento de Brasília conforme a literatura..	45
Quadro 4 - Relações Grafites e Brasília identificada na Literatura.....	50
Quadro 5 – Aplicações do Google Mymaps.....	58
Quadro 6 – Quadro Simbologia Cartográfica utilizada.....	65
Quadro 7 – Temas e respectivas cartografias no Google Mymaps.....	66
Quadro 8 – Informações Textuais dos Grafites.....	66
Quadro 9 – Exemplos de estado de conservação dos Grafites.....	72
Quadro 10 – Rotas de Visitação aos Grafites das SQs.....	73

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

JK	Juscelino Kubitschek
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
SQs	Super Quadras
RIDE	Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno
R.L.	Revisão da Literatura
H.O.	História Oral
An.	Análise
TICS	Tecnologias da Informação e Comunicação
prev.	Prevenção
prep.	Preparo
resp.	Resposta
D. Civil	Defesa Civil
SQN	Super Quadra Norte
SQS	Super Quadra Sul
SQ	Super Quadra
SIG	Sistema de Informação Geográfica

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1</b>	<b>RELAÇÕES BRASÍLIA, GRAFITE E GEOICONOGRAFIA - RUMO À VISIBILIDADE DOS GRAFITES DAS SUPER QUADRAS .....</b>	<b>29</b>
<b>1.1</b>	<b>Grafite – Territorializações, Desterritorializações e Novas Territorialidades.....</b>	<b>32</b>
<b>1.2</b>	<b>Semelhanças e diferenças entre Grafite e Pichação .....</b>	<b>36</b>
<b>2</b>	<b>Relações Brasília, Escalas de Planejamento e Grafite.....</b>	<b>41</b>
<b>2.1</b>	<b>BRASÍLIA, O URBANO E O LUGAR.....</b>	<b>52</b>
<b>2.2</b>	<b>Geoiconografia - Potencialidade para a visibilidade dos Grafites das SQs.....</b>	<b>53</b>
<b>3</b>	<b>GRAFITES NAS SUPERQUADRAS DE BRASÍLIA: DA INVISIBILIDADE AO MAPA ONLINE .....</b>	<b>56</b>
<b>3.1</b>	<b>Mapas online, <i>Google Mymaps</i> e aplicações.....</b>	<b>57</b>
<b>3.2</b>	<b>GEOGRAFIA GRAFITE E TURISMO.....</b>	<b>60</b>
<b>4</b>	<b>Procedimentos.....</b>	<b>64</b>
<b>5</b>	<b>Resultados e Discussão.....</b>	<b>68</b>
	<b>Considerações.....</b>	<b>82</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>90</b>

## Introdução

O meio ambiente urbano, palco da vida de milhões de pessoas, se configura como um espaço complexo e dinâmico, em constante mutação. A vida nas cidades, impõe desafios socioambientais que exigem soluções criativas e inovadoras. Nesse contexto, a arte de rua surge como uma poderosa ferramenta de expressão, capaz de transformar a paisagem urbana e suscitar reflexões sobre a relação entre o homem e seu entorno.

A urbanização acelerada e desordenada das últimas décadas resultou em problemas ambientais significativos, como poluição, redução de áreas verdes e aumento das ilhas de calor. Além disso, questões sociais, como desigualdade e marginalização, tornam-se mais evidentes no cenário urbano. Esses fatores contribuem para um ambiente urbano que, ao mesmo tempo em que oferece oportunidades, também apresenta desafios consideráveis para a qualidade de vida dos seus habitantes.

A arte de rua, neste contexto, desempenha um papel crucial ao interagir diretamente com o espaço urbano e com seus usuários. Seja através de murais, grafites ou intervenções artísticas, a arte de rua tem a capacidade de dialogar com a população, promovendo uma reflexão crítica sobre questões socioambientais. Ela não apenas embeleza e revitaliza áreas degradadas, mas também pode servir como uma forma de resistência e reivindicação social, dando voz a grupos marginalizados.

Do ponto de vista científico, a arte de rua pode ser analisada partindo-se de diversas perspectivas. Em termos de geografia urbana, ela contribui para a reconfiguração do espaço, alterando a percepção e o uso de determinados locais. Sociologicamente, ela atua como um meio de comunicação e interação social, influenciando a dinâmica comunitária e fomentando um senso de pertencimento. Ambientalmente, a arte de rua pode promover a conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente, ao integrar elementos naturais e urbanos em suas obras.

Em suma, a arte de rua transcende a mera estética, assumindo um papel multifacetado no meio ambiente urbano. Ela se torna um agente transformador,

capaz de influenciar positivamente a relação entre o homem e seu entorno, promovendo uma cidade mais inclusiva, sustentável e consciente. Ao reconhecer e valorizar o potencial da arte de rua é possível fomentar uma abordagem mais holística e integradora para os desafios urbanos contemporâneos.

A capacidade da arte de rua de transcender fronteiras sociais e culturais é um dos seus aspectos mais notáveis. Através de um simples mural ou intervenção, artistas podem abordar temas globais como mudanças climáticas, injustiças sociais, e questões de identidade, enquanto ao mesmo tempo refletindo as preocupações e aspirações locais. Isso cria uma ponte entre o global e o local, permitindo uma troca rica de ideias e perspectivas.

Sob a ótica da psicologia ambiental, a arte de rua pode influenciar positivamente o bem-estar psicológico dos habitantes urbanos. Estudos indicam que a presença de arte pública pode reduzir o estresse, aumentar a sensação de segurança e bem-estar, e promover uma maior conexão com o espaço urbano. Isso é particularmente relevante em áreas de alta densidade populacional, onde espaços verdes e áreas de lazer são limitados.

A integração da arte de rua com iniciativas de sustentabilidade urbana é uma área emergente e promissora. Projetos que combinam arte e ecologia, como jardins verticais pintados ou murais que abordam a biodiversidade local podem servir como ferramentas educativas e de engajamento comunitário. Essas iniciativas não só embelezam o ambiente urbano, mas também promovem a conscientização sobre práticas sustentáveis e a importância da conservação ambiental.

Outro aspecto crucial da arte de rua é seu potencial para catalisar mudanças sociais. Em muitos casos, murais e grafites são usados como meios de protesto e resistência, trazendo à tona questões de desigualdade, racismo, e outras injustiças sociais. Ao ocupar espaços públicos, esses trabalhos forçam uma reavaliação das narrativas dominantes e criam oportunidades para diálogos significativos entre diferentes segmentos da sociedade.

A arte de rua também funciona como ferramenta de transformação social, promovendo a revitalização de espaços degradados, a valorização da cultura local e

a sensibilização da população para questões socioambientais. Ao ocupar as ruas e muros da cidade, os artistas de rua desafiam o status quo, questionam o poder e dão voz aos excluídos.

Além disso, a arte de rua pode funcionar como um indicador de revitalização urbana. Cidades que incentivam a expressão artística tendem a atrair turismo cultural e investimentos, contribuindo para a economia local. Programas municipais que apoiam artistas de rua podem transformar áreas negligenciadas em centros vibrantes de cultura e criatividade, promovendo um ciclo virtuoso de desenvolvimento urbano.

No âmbito acadêmico, a pesquisa sobre arte de rua e seu impacto no meio ambiente urbano é interdisciplinar, envolvendo campos como a arquitetura, urbanismo, antropologia, e estudos culturais. Esta abordagem multifacetada permite uma compreensão mais profunda das complexas interações entre arte, espaço e sociedade, e abre caminho para políticas urbanas mais inclusivas e inovadoras.

Na contemporaneidade das cidades, a arte conecta pessoas ao meio ambiente urbano e ao cotidiano. A arte está na manifestação física da arquitetura, nas construções urbanas (casas, prédios, passarelas, viadutos, pontes, são alguns exemplos). E para bem além do concreto, a arte está nas cidades em esculturas, bustos, instalações, em performances ao ar livre de artistas de rua. Nos Grafites, suas cores e mensagens que despertam emoções, transcendendo a mera estética e se configura como um poderoso instrumento de expressão social e política.

Dividindo o espaço urbano com os artistas de rua e a população a gestão pública se apresenta como responsável pela cidade. Porém com um olhar de observador que não vivencia essa ordem caótica urbana. Como um responsável por uma criança, que espera um comportamento adulto de quem está em crescimento e formação. A cidade está em constante formação e crescimento, em sequências de territorializações, desterritorializações e novas territorialidades consequentes das ações antrópicas, e para geri-la é importante vivencia-la.

A gestão pública, ao assumir um papel de liderança, deve reconhecer a complexidade e a dinamicidade inerentes ao ambiente urbano. A cidade não é uma



entidade estática; ao contrário, ela é um organismo vivo, moldado incessantemente pelas interações humanas e pelas transformações socioespaciais. As territorializações representam os processos pelos quais os espaços urbanos são apropriados e definidos por seus usuários. Estes espaços adquirem significados e funções específicas, conformando-se aos interesses e necessidades da população.

No entanto, as desterritorializações ocorrem quando essas definições e apropriações são subvertidas ou desfeitas. Isso pode acontecer devido a fatores diversos, como intervenções urbanísticas, políticas públicas inadequadas, desastres naturais ou mudanças socioeconômicas. As desterritorializações, embora muitas vezes disruptivas, são parte intrínseca do processo urbano, pois abrem caminho para novas territorialidades.

As novas territorialidades, por sua vez, emergem das cinzas das desterritorializações. Elas representam a reapropriação e redefinição dos espaços urbanos, muitas vezes impulsionadas pela criatividade e resiliência das comunidades locais. Esses processos refletem a capacidade adaptativa da cidade e de seus habitantes, que continuamente reconstróem seu ambiente de acordo com as novas realidades e desafios.

Para que a gestão pública seja eficaz, é essencial que ela adote uma abordagem participativa e inclusiva, reconhecendo a voz e o papel dos cidadãos na conformação do espaço urbano. As políticas públicas devem ser formuladas com base em uma compreensão profunda das dinâmicas urbanas e das necessidades da população, promovendo um desenvolvimento sustentável e equitativo.

A gestão pública também deve estar atenta aos processos de desterritorialização, mitigando seus impactos negativos e facilitando a transição para novas territorialidades. Isso pode envolver a implementação de políticas de reassentamento justas, a criação de espaços públicos inclusivos e a promoção de iniciativas comunitárias que fortalecem o tecido social urbano.

Ademais, a gestão pública deve investir na coleta e análise de dados urbanos, utilizando tecnologias avançadas para monitorar e compreender as transformações

espaciais. Isso permitirá uma tomada de decisão mais informada e ágil, capaz de responder eficazmente às complexas dinâmicas da cidade.

Além disso, é fundamental que a gestão pública se engaje em práticas de planejamento urbano integradas e interdisciplinares. Isso significa reunir especialistas de diversas áreas — como arquitetura, urbanismo, sociologia, economia e meio ambiente — para desenvolver estratégias abrangentes que considerem as múltiplas dimensões do espaço urbano. A colaboração intersetorial é essencial para abordar a complexidade dos desafios urbanos contemporâneos, que vão desde a infraestrutura até a mobilidade, habitação e sustentabilidade.

A governança urbana eficiente também requer transparência e *accountability*. É imperativo que as decisões e ações da gestão pública sejam transparentes e que os gestores sejam responsabilizados por suas escolhas. Isso não só fortalece a confiança pública, mas também incentiva a participação cidadã, permitindo que a população contribua ativamente para a modelagem do ambiente urbano.

Em resumo, a gestão pública desempenha um papel crucial na governança urbana, devendo atuar como facilitadora do desenvolvimento e da resiliência urbana. Ao reconhecer a cidade como um organismo em constante formação e ao adotar uma abordagem participativa, a gestão pública pode contribuir para a construção de espaços urbanos mais justos, inclusivos e sustentáveis.

Em termos de sustentabilidade, a gestão pública deve promover políticas que incentivem o desenvolvimento urbano sustentável. Isso inclui a adoção de práticas de construção verde, a implementação de sistemas de transporte público eficientes e ecológicos, e a criação de espaços verdes que não apenas melhoram a qualidade do ar, mas também oferecem áreas de lazer e recreação para os residentes urbanos. A integração de tecnologias sustentáveis, como energias renováveis e sistemas de gestão de resíduos, é crucial para minimizar o impacto ambiental da urbanização.

A adaptação às mudanças climáticas é outro aspecto vital que a gestão pública deve considerar. As cidades, sendo centros de densidade populacional e atividade econômica, são particularmente vulneráveis aos impactos das mudanças

climáticas, como inundações, ondas de calor e elevação do nível do mar. Estratégias de resiliência urbana, que incluem infraestrutura adaptativa e políticas de mitigação, são essenciais para proteger as comunidades e assegurar a sustentabilidade a longo prazo.

A inclusão social é um pilar central para a gestão pública eficaz. As cidades são frequentemente caracterizadas por desigualdades socioeconômicas e espaciais significativas. Políticas que promovam a equidade, como habitação acessível, oportunidades de emprego, e serviços públicos de qualidade, são fundamentais para garantir que todos os cidadãos tenham acesso aos benefícios do desenvolvimento urbano. A participação ativa de comunidades marginalizadas no processo de planejamento é crucial para criar espaços urbanos que reflitam as necessidades e aspirações de toda a população.

A inovação também deve ser um foco da gestão pública urbana. As cidades do futuro serão moldadas por avanços tecnológicos, como a Internet das Coisas (IoT), inteligência artificial, e big data. Essas tecnologias têm o potencial de transformar a gestão urbana, tornando-a mais eficiente e responsiva. Cidades inteligentes, que utilizam tecnologia para otimizar serviços públicos e infraestrutura, podem melhorar significativamente a qualidade de vida urbana.

Esses termos refletem as complexas dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam as relações humanas com o espaço ao longo do tempo. Nesse contexto, uma aproximação entre gestão pública, como pertencente à cidade, população e artistas, com enfoque territorial, pode contribuir para a visibilidade da arte urbana, bem como sua gestão.

A literatura indica que a arte e a cultura contribuem para a gestão das cidades modernas (Zukin, 1995; Miles, 1997; Paddison e Miles, 2007; Grésillon, 2008). A ênfase era dada à arte contemporânea como parte do processo de revitalização urbana (Vivant, 2007; Grésillon, 2008; Guinard, 2010), da co-produção artística e urbana (Molina e Guinard, 2017).

Brasília é sempre lembrada como fenômeno. É a capital modernista, planejada por Lucio Costa, com o traço arquitetônico de Oscar Niemeyer. Também é

muito lembrada quando se fala em Juscelino Kubitschek, popularmente conhecido como JK, o presidente do plano de metas. E não raro pelas desigualdades sociais e pela exclusão socioespacial (Abramovay et al, 1999; Caiado, 2005; Paviani, 2007; Nunes, 2014; Penna e Ferreira, 2014; Moura et al, 2015; Sampaio, 2017).

A cidade é emblemática do movimento modernista, destacando-se pela aplicação de princípios urbanísticos inovadores e pela estética arquitetônica arrojada. O plano piloto de Lúcio Costa, em forma de um avião, reflete uma organização funcional dos espaços urbanos, com zonas claramente definidas para atividades residenciais, comerciais, administrativas e de lazer. Oscar Niemeyer, por sua vez, contribuiu com obras arquitetônicas marcantes que se tornaram símbolos da cidade, como o Palácio da Alvorada, o Congresso Nacional e a Catedral Metropolitana.

No entanto, a imagem de Brasília como uma utopia modernista é contrastada por uma realidade complexa de desigualdades sociais e exclusão socioespacial. Estudos de Abramovay et al. (1999), Caiado (2005), Paviani (2007), Nunes (2014), Penna e Ferreira (2014), Moura et al. (2015) e Sampaio (2017) evidenciam as disparidades socioeconômicas presentes na capital.

Essas desigualdades manifestam-se, em parte, devido à própria concepção inicial da cidade. O projeto de Brasília foi concebido para ser uma capital administrativa, abrigando a burocracia federal e uma população selecionada. As classes trabalhadoras, essenciais para a construção e manutenção da cidade, foram relegadas a áreas periféricas, muitas vezes sem infraestrutura adequada. Essa segregação socioespacial resultou em uma clara divisão entre o centro planejado e as periferias emergentes.

As áreas periféricas de Brasília, muitas vezes formadas de maneira informal, enfrentam desafios significativos relacionados à infraestrutura, acesso a serviços públicos e oportunidades econômicas. Essa exclusão socioespacial é agravada por políticas urbanas que historicamente privilegiaram o desenvolvimento do plano piloto em detrimento das periferias.

A questão do transporte público exemplifica a problemática da exclusão em Brasília. A cidade foi projetada em uma época em que o automóvel particular era visto como o principal meio de transporte, resultando em uma rede de vias expressas que conecta as diferentes zonas da cidade, mas que não atende adequadamente à demanda das populações periféricas que dependem do transporte público.

Além disso, o acesso à educação e à saúde também reflete as disparidades socioespaciais. As áreas centrais de Brasília possuem melhores escolas e hospitais, enquanto as regiões periféricas muitas vezes enfrentam carências significativas nesses serviços essenciais. Essas desigualdades têm um impacto profundo na qualidade de vida dos habitantes e perpetuam ciclos de pobreza e exclusão.

As políticas de habitação social têm tentado, ao longo dos anos, mitigar essas desigualdades, mas enfrentam desafios significativos. A urbanização acelerada e a especulação imobiliária frequentemente deslocam as populações mais vulneráveis, exacerbando os problemas de segregação espacial.

Em resposta a esses desafios, movimentos sociais e organizações comunitárias têm desempenhado um papel crucial na luta por uma Brasília mais inclusiva e equitativa. Esses grupos advogam por políticas públicas que abordem as desigualdades estruturais e promovam um desenvolvimento urbano mais sustentável, justo e inclusivo.

A questão da educação também desempenha um papel central nas desigualdades em Brasília. Pesquisas (Souza & Oliveira, 2021) evidenciam disparidades no acesso à educação de qualidade, com escolas em áreas mais carentes enfrentando desafios estruturais e de recursos. A cidade de Brasília, capital do Brasil, é reconhecida por sua arquitetura modernista e singular planejamento urbano. Contudo, por trás dessa imagem, subsistem profundas disparidades econômicas e sociais que influenciam a dinâmica socioeconômica da região. Estudos recentes (Silva & Santos, 2019) enfatizam que, apesar do progresso econômico aparente, a capital brasileira enfrenta desafios significativos relacionados à distribuição de renda e ao acesso a recursos.

No contexto econômico, a estrutura de emprego em Brasília revela desigualdades substanciais. Pesquisas (Oliveira et al., 2020) indicam que setores como o público e os serviços predominam, contudo, a concentração de empregos bem remunerados, comparados aos de baixa remuneração, contribui para a disparidade salarial. Ademais, a falta de diversificação econômica pode ampliar a vulnerabilidade da cidade a flutuações econômicas externas.

As desigualdades sociais em Brasília se manifestam por meio da segregação espacial e do acesso desigual a serviços básicos. Estudos (Almeida & Lima, 2018) destacam a existência de áreas periféricas com infraestrutura precária, em contraste com bairros mais privilegiados. Essa segregação impacta diretamente na qualidade de vida e nas oportunidades disponíveis para diferentes grupos sociais, perpetuando ciclos de desigualdade geracional.

Em síntese, as desigualdades econômicas e sociais em Brasília representam fenômenos complexos que requerem uma abordagem holística. Compreender essas disparidades é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes, visando à inclusão e à redução das assimetrias na capital brasileira.

A abordagem holística para abordar as desigualdades em Brasília deve considerar múltiplas dimensões interconectadas: econômica, social, espacial e ambiental. Inicialmente, é crucial reconhecer que as desigualdades econômicas são muitas vezes a base sobre a qual outras formas de exclusão são construídas. A distribuição desigual de renda e riqueza contribui diretamente para a segregação espacial, onde áreas centrais e bem equipadas contrastam fortemente com periferias carentes de infraestrutura e serviços.

Políticas públicas voltadas para a inclusão econômica devem, portanto, focar na geração de empregos de qualidade, na promoção de pequenas e médias empresas locais e no desenvolvimento de programas de capacitação profissional que preparem os trabalhadores para o mercado de trabalho em constante evolução. Além disso, é necessário assegurar que essas oportunidades econômicas sejam acessíveis a todas as regiões da cidade, minimizando a necessidade de longos deslocamentos e promovendo um desenvolvimento urbano mais equilibrado.

No âmbito social, é fundamental fortalecer os sistemas de educação e saúde, garantindo que todos os cidadãos tenham acesso a serviços de qualidade, independentemente de sua localização geográfica. Investimentos em escolas e unidades de saúde nas áreas periféricas não só melhoram a qualidade de vida dos residentes dessas regiões, mas também contribuem para a redução das desigualdades intergeracionais. Políticas de inclusão social devem também abordar questões de segurança, habitação e assistência social, oferecendo uma rede de suporte robusta para as populações mais vulneráveis.

A dimensão espacial das desigualdades em Brasília requer uma revisão crítica do planejamento urbano e das políticas de uso do solo. A promoção de um desenvolvimento urbano sustentável e inclusivo implica na criação de espaços públicos acessíveis e de qualidade, na implementação de sistemas de transporte público eficientes e na integração de moradias sociais em áreas bem localizadas, evitando a segregação espacial. Projetos de urbanização e revitalização devem ser concebidos com a participação ativa das comunidades locais, assegurando que as intervenções urbanísticas atendam às necessidades reais da população.

A questão ambiental também não pode ser negligenciada. A sustentabilidade ambiental deve ser um pilar central das políticas públicas, assegurando que o crescimento urbano não comprometa os recursos naturais e a qualidade do meio ambiente. Programas de conservação e restauração ambiental, aliados a práticas urbanas sustentáveis, como a gestão eficiente de resíduos e a promoção de energias renováveis, são essenciais para garantir um futuro saudável para a cidade.

Brasília é também o espaço onde se dão trocas e se processam sínteses criativas entre as tradições regionais e as referências mundializadas, onde circula uma informação cultural sintonizada com práticas e valores estéticos atuais (Madeira, 2002).

Esta cidade planejada, declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO, destaca-se não apenas por suas linhas arquitetônicas arrojadas, mas também pela sua capacidade de se reinventar ao longo do tempo. E na sua reinvenção contínua, a arte também é um traço marcante. Sua concepção é também artística, um misto de arquitetura, geografia e arte. É geográfica já que o seu locus não foi ao acaso, foi

estudado e selecionado. E também por ser apropriada pela população, como lugar de vida, reivindicação através da arte, e resistência.

Manifestações artísticas se fazem presentes na cidade modernista. Ainda que muitas vezes como forma de resistência. Um exemplo de resistência pela arte é o gênero musical Choro, que chegou à cidade nos anos 60 e se firmou com a dedicação e luta dos “chorões” (Climaco, 2020). Como também é o caso dos artistas de rua que expressam seu trabalho nos semáforos da cidade, em troca do reconhecimento em forma de dinheiro pelos observadores motoristas. Reconhecimento que nem sempre vem. Mas a arte resiste.

Neste contexto que mescla arte e resistência, o Grafite emerge como uma forma de expressão de arte urbana que dialoga com a vanguarda modernista, adicionando camadas contemporâneas à identidade única da capital brasileira. Nessa arte de rua, os Grafiteiros utilizam a tinta spray para pintar seus grafites no concreto (McAuliffe e Iveson, 2011; Awad et al, 2017; Cortea et al, 2021; La Nasa et al, 2021), também como forma de resistência (Baldini, 2023; Alexandrakis, 2016; Rodrigues et al, 2022; Álvarez; 2022; Bueno e Zanella, 2018; Fraihat e Dabashi, 2023; Smith 2020).

O grafite em Brasília, como em muitas outras metrópoles ao redor do mundo, transcende a mera decoração urbana. Ele se configura como uma linguagem visual poderosa, que carrega mensagens de resistência, protesto e identidade cultural. Cada obra de grafite é uma intervenção no espaço público, uma afirmação da presença e das vozes que frequentemente são marginalizadas nas narrativas oficiais da cidade. O grafite, portanto, desempenha um papel crucial na ressignificação dos espaços urbanos, desafiando as percepções e usos tradicionais desses espaços.

A prática do grafite em Brasília também pode ser vista como uma continuidade e evolução do espírito modernista que permeia a cidade. Enquanto os arquitetos modernistas como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa usaram o concreto e as formas geométricas para criar uma nova estética urbana, os grafiteiros contemporâneos utilizam o mesmo concreto como tela para suas criações. Esta continuidade reforça a ideia de que a cidade é um organismo vivo, em constante



evolução, onde diferentes formas de expressão artística podem coexistir e se complementar.

Além de sua função estética, o grafite em Brasília é uma forma de resistência política e social. Grafiteiros como Baldini (2023), Alexandrakis (2016), Rodrigues et al. (2022), Álvarez (2022), Bueno e Zanella (2018), Fraihat e Dabashi (2023) e Smith (2020) destacam que o grafite pode ser um veículo para contestar a exclusão social, denunciar injustiças e reivindicar direitos. Em um contexto de desigualdades econômicas e sociais, o grafite se torna uma ferramenta de empoderamento para comunidades marginalizadas, oferecendo uma plataforma para a expressão de suas vozes e experiências.

Os murais e grafites espalhados pela cidade não são apenas obras de arte, mas também documentos visuais que registram as lutas, as esperanças e as histórias das pessoas que vivem em Brasília. Eles servem como marcos históricos e culturais, que capturam a dinâmica social e política da cidade em momentos específicos. Através do grafite, os artistas urbanos contribuem para a construção de uma memória coletiva, que é acessível a todos os cidadãos.

A resistência expressa através do grafite também desafia as normas e regulamentos urbanos, muitas vezes impostos por autoridades que não reconhecem o valor cultural e social dessa forma de arte. A criminalização do grafite, sob a justificativa de preservação do patrimônio público, ignora o fato de que essas obras podem enriquecer o ambiente urbano, tornando-o mais vibrante e inclusivo. A luta pelo reconhecimento e legitimação do grafite como arte urbana legítima é, portanto, parte de uma batalha mais ampla pela democratização do espaço público.

Em resumo, o grafite em Brasília é uma manifestação multifacetada de arte urbana que dialoga com o legado modernista da cidade, enquanto adiciona novas camadas de significado e resistência. Ele é uma forma de expressão que transforma o concreto em uma tela para a criatividade, a resistência e a construção de identidade. Através do grafite, os artistas urbanos não apenas embelezam a cidade, mas também promovem uma reflexão crítica sobre as realidades sociais e políticas, contribuindo para uma capital mais inclusiva e consciente.

A cena do Grafite em Brasília é marcada por artistas locais e da cena nacional que incorporam elementos da cultura local, da história e da resistência em suas pinturas. Esses grafiteiros transformam a cidade em uma galeria a céu aberto, utilizando cores vibrantes e formas inovadoras para contar histórias que se entrelaçam com o espírito modernista da capital.

Nesse misto de palco e galeria que se dá na cidade modernista, em meio a ordem caótica urbana, a vida acontece e a arte por vezes é invisibilizada, ainda que esteja à frente dos olhos.

Nas Superquadras de Brasília, as SQs, um suporte peculiar foi apropriado pelos grafiteiros, as caixas de energia da empresa que fornece energia para o DF. Essas construções que compõem a infraestrutura urbana da cidade, estão localizadas no interior das Superquadras, envoltas pelos Blocos residências e pela infraestrutura urbana.

Lá no interior das Superquadras, circundados pelos Blocos Residenciais e pela infraestrutura urbana, invisíveis ao grande público, estão localizados nas caixas de energia da empresa que fornece energia para o DF Grafites de temas variados. Um mundo de cores e temas, ao ar livre, com entrada gratuita e sem porteiro para regular entrada e saída do público.

São os grafites invisíveis das Superquadras de Brasília, objeto de estudo deste trabalho. Que entendemos serem representações da dinâmica de vida na cidade, expressando à partir da pintura no concreto: imaginários populares, questões sociais, lutas de classes. Destarte, manifestam-se espacialmente e dessa forma são objetos geográficos inseridos no espaço.

E assim sendo, nesta pesquisa estudamos os Grafites invisíveis das Superquadras de Brasília à luz da Geografia, e para tanto partimos da Hipótese:

O mapeamento online de grafites nas superquadras de Brasília contribui para a visibilidade, acessibilidade e valorização da arte de rua como forma de expressão artística, patrimônio cultural e elemento da identidade urbana, promovendo o cicloturismo e o engajamento social. E a partir dos seguintes objetivos:

- **Objetivo Geral:**  
Prover a visibilidade dos grafites das Superquadras de Brasília.
- **Objetivos Específicos:**  
Identificar na literatura relações entre Brasília, Grafite e Geoiconografia;  
Identificar os Grafites das Superquadras de Brasília em um mapeamento online como ferramenta para visibilidade, acessibilidade e valorização da arte urbana.  
Propor rotas de visitação aos Grafites com uso de bicicleta e virtualmente.

Para tanto, revisamos a literatura nacional e internacional sobre: arte de rua, Grafites, mapeamento online, superquadras de Brasília, cicloturismo e visibilidade da arte urbana. A partir da pesquisa no Portal Capes, *Google Acadêmico* e no *Reseachgate*. Foram utilizados os seguintes termos para pesquisa: Grafite, *Graffiti*, Arte Urbana, Arte de Rua, *Urban Art*, *Street Art*, Brasília, Plano Piloto, Escalas de Planejamento de Brasília, *Modern Cities*, turismo, *tourism*, cicloturismo, geoturismo.

Utilizamos o levantamento em campo, realizado em 2023, e catalogamos os Grafites em um mapeamento online geoiconográfico, para tirá-los da invisibilidade e promover sua visualização até mesmo de forma virtual. Bem como propomos rotas de visitação com uso de bicicleta, transporte barato e sustentável. E essas mesmas rotas também podem ser utilizadas para a visitação virtual à distância.

Foi utilizado o *google mymaps*. Plataforma gratuita para mapeamento online que permite a integração de informação geográfica com fotografias. Nesse trabalho foi utilizada a variável gráfica ponto para representação dos Grafites, já que indicam a geolocalização de cada Grafite identificado com suas respectivas coordenadas. E a cada ponto marcado foi anexada uma fotografia do grafite para visualização no mapa online, e informações textuais descritivas de cada Grafite.

Bem como procedemos a análise qualitativa dos dados coletados em campo, incluindo categorização por localização, descrição dos Grafites, e interpretação dos resultados.

E dessa forma, provendo a visibilidade dos Grafites das Superquadras de Brasília em um mapa *online*, com as respectivas geolocalizações, fotografias e

descrições. Bem como pela elaboração de rotas de visita o para o cicloturismo e que também podem ser utilizadas para visita o online virtual.

Esta tese está estruturada em cinco capítulos. O primeiro se refere   Revisão da Literatura e indica as rela oes entre Brasília, Grafite e Geoiconografia. O capítulo segundo se refere   integra o entre Grafite nas Superquadras Residenciais do Plano Piloto e Geoiconografia,   partir do mapeamento online com geolocaliza o e uso de fotografias. E o capítulo tr s discorre sobre a proposi o de rotas de visita o aos grafites,   partir do uso de bicicletas ou online.

## **1 Relações Brasília, Grafite e Geoiconografia - Rumo à Visibilidade dos Grafites das Super Quadras**

A forma de expressão artística grafite utiliza a pintura e o desenho como meio de comunicação visual em ambientes urbanos e tem sido uma prática culturalmente significativa nas cidades desde o surgimento da cultura Hip Hop. Sua presença marcante nas paisagens urbanas pode desencadear uma ampla gama de debates, variando desde a apreciação da arte e da expressão cultural até a crítica da apropriação de espaços públicos.

O grafite, enquanto manifestação da cultura Hip Hop, carrega em si uma rica tapeçaria de significados e intenções, atuando não apenas como uma forma de arte visual, mas também como um canal de resistência, identidade e protesto. Ele questiona as normas estabelecidas, subverte o uso convencional do espaço urbano e convida os espectadores a reconsiderarem suas percepções sobre o que constitui arte e quem tem o direito de ocupar e transformar o espaço público.

Em cidades como Brasília, o grafite se entrelaça com a narrativa urbana, oferecendo uma plataforma para vozes marginalizadas e fomentando um diálogo contínuo sobre questões sociais, políticas e culturais. Através do grafite, a cidade se torna uma galeria a céu aberto, onde cada muro pintado conta uma história, reflete uma luta e celebra a diversidade e a resiliência da experiência humana urbana.

Em uma cidade planejada, como Brasília, a tensão entre o grafite e o planejamento urbano instituído é uma realidade palpável. O grafite, muitas vezes, é percebido como um elemento disruptivo que desafia a ordem e a estética estabelecidas pelo planejamento centralizado.

Estudos como os de Zannetti et al. (2020), Brighenti (2010), Iveson (2009) e Young (2010) destacam que essa forma de expressão artística pode ser vista como uma ameaça à imagem planejada e controlada da cidade. A presença do grafite em espaços públicos cuidadosamente desenhados pode introduzir elementos imprevistos e desordenados, que rompem com a homogeneidade visual e funcional do ambiente urbano planejado. Isso pode gerar um conflito entre os grafiteiros, que veem suas obras como uma forma legítima de expressão e resistência, e as

autoridades urbanísticas, que podem considerá-las uma violação das normas e regulamentações estabelecidas.

Além disso, o grafite também desafia a autoridade do planejamento centralizado ao reivindicar o direito ao espaço urbano por aqueles que tradicionalmente têm sido marginalizados ou excluídos dos processos decisórios. A intervenção artística nos espaços públicos pode ser interpretada como uma forma de resistência contra a hegemonia das elites políticas e econômicas que controlam a urbanização e o uso do solo.

Nesse sentido, o grafite não apenas transforma visualmente o ambiente urbano, mas também ressignifica o espaço ao imbuí-lo de novas narrativas e significados. Ele proporciona uma voz aos setores mais vulneráveis da sociedade, permitindo que suas histórias, angústias e esperanças sejam visíveis e reconhecidas. Portanto, a presença do grafite em cidades planejadas como Brasília representa uma negociação contínua entre a ordem instituída e a espontaneidade criativa, evidenciando a complexa dinâmica entre planejamento urbano e expressão cultural.

Este caráter transitório não apenas desafia a permanência da arte de rua, mas também coloca em questão sua legitimidade e valor cultural. A volatilidade das obras de grafite significa que elas muitas vezes desaparecem antes que possam ser plenamente apreciadas ou documentadas, criando uma tensão entre a expressão artística e a preservação. A remoção frequente dessas obras também reflete uma tentativa de controlar o espaço urbano e impor uma estética que exclui formas de expressão consideradas desordenadas ou indesejáveis.

Destarte, o Grafite pode ser interpretado como enriquecimento cultural, ponte entre culturas, proporcionando a humanização de ambientes regulamentados e normatizados (Christenson, 2018; Chang, 2018). Caracterizando respostas criativas à rigidez do planejamento urbano, proporcionando voz aos artistas e representando uma forma de resistência e liberdade de expressão em meio ao cenário urbano controlado.

Além disso, a arte de rua enfrenta a invisibilidade em um nível institucional e cultural. Muitas vezes, ela não é reconhecida como uma forma legítima de arte pela crítica tradicional e pelos estabelecimentos culturais, sendo relegada a um status marginal. É frequentemente associada à criminalidade, ao vandalismo e à falta de cultura. Essa visão negativa contribui para a invisibilidade da arte de rua, dificultando seu reconhecimento como uma forma de expressão artística válida e significativa.

A ausência de apoio institucional, como financiamento, espaço de exibição e inclusão em programas educacionais, perpetua essa marginalização. Mesmo quando a arte de rua é celebrada em contextos específicos, como festivais de grafite ou exposições temporárias, ela frequentemente é cooptada de maneiras que despolitizam e descontextualizam suas mensagens. Essa invisibilidade institucional contrasta com a forte presença visual da arte de rua nas cidades, criando um paradoxo onde a visibilidade física não se traduz em reconhecimento cultural e político.

Brasília, a capital modernista planejada, com suas construções em concreto e amplos paredões vem sendo apropriada pelo Grafite em suas asas norte e sul. Nesse processo que está em curso, é crucial compreender as relações entre Brasília, Grafite e Geoiconografia, para o desenvolvimento de abordagens que valorizem e preservem a criatividade artística e proporcionem um senso de pertencimento aos moradores da cidade planejada e aos visitantes.

Para isso, o objetivo desse capítulo é identificar na literatura relações entre Brasília, Grafite e Geoiconografia, partindo da multidisciplinaridade e interdisciplinaridade do tema estudado. Primeiro, destaca o Grafite como expressão de arte urbana difundido mundialmente, seu caráter dinâmico e social, bem como territorial. Na sequência, indica relações entre Brasília e Grafite identificadas na literatura, bem como apresenta relações identificadas pelos autores, e discute a estrutura espacial do Plano Piloto de Brasília e suas quatro escalas de planejamento e preservação. Posteriormente, discute a Geoiconografia como meio potencial para a visibilidade dos Grafites das Quadras Residenciais de Brasília.

O texto é permeado pelo conceito de paisagem. O qual entendemos como: o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que

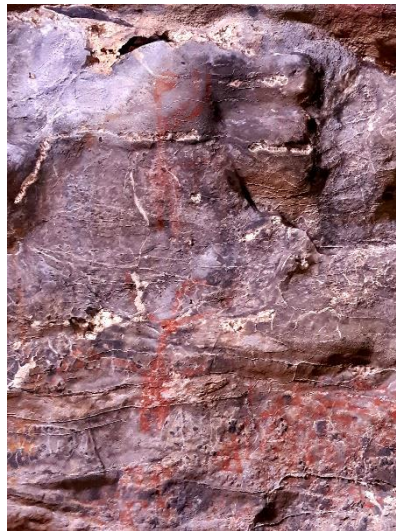
representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza (Santos, 1999), transtemporal (Kiyotani, 2014), conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais (Santos, 1988), decifrada através de um conjunto de signos que possa assegurar sua verdadeira leitura (Rocha, 2008)”.

### **1.1 Grafite – Territorializações, Desterritorializações e Novas Territorialidades**

Desde que passou a viver em sociedade, o homem criou formas de se expressar e a arte foi, sem dúvida, a primeira delas, vindo inclusive antes da linguagem escrita, como se conhece atualmente (Justamand, 2014).

Deixar sua marca em uma superfície parece refletir um desejo tão antigo como a humanidade, na forma de: impressões manuais, retrato esboços, brasões ou símbolos profissionais, nomes, identificadores pessoais, embora diferindo em tipo e técnica, vieram para nós de todos os períodos de tempo (Lohmann, 2020).

Figura 1 – Inscrições de Arte Rupestre



Arquivo pessoal do autor, Gruta Rei do Mato, MG, março/2020.

É o ato de registrar o que se vivência, a própria vida, o modo de vida do grupo em que se está inserido. Uma forma de contar a própria história e cultura, e também do povo ao qual se faz parte, o produzir e o reproduzir padrões no suceder dos dias, de um tempo determinado, em um espaço definido e apropriado. Ou seja, no território e no lugar de vida.



E assim, o registro está visível aos indivíduos do respectivo grupo e até mesmo de outros grupos. Uma forma de comunicar, e transmitir para outras pessoas através da arte.

O Grafite contemporâneo é uma expressão de arte urbana, presente em construções urbanas, tais como prédios, casas, pontes, caixas de energia, de cidades ao redor do mundo, uma técnica de pintura com uso de tinta spray (Bowen, 1999; Spocter, 2004; Radwan, 2014).

Suas origens remetem à cultura Hip Hop em Nova Iorque, no fim dos anos 60 e início dos anos 70, em um processo de legitimação com apoio da mídia, incorporando influências Afro-Americanas e Latinas no surgimento de novos estilos também em Nova Iorque e em Filadélfia, difundindo-se por cidades de todo o mundo e evoluindo para estilos, culturas e práticas distintas do Grafite Hip Hop inicial (Iveson e McAuliffe 2022; McAuliffe 2012; Diallo 2014; Virreira 2020).

Nos últimos anos da década de 70 e início dos anos 80 o Grafite entra na cena artística, despertando o interesse de admiradores de arte; jornalistas; e acadêmicos cujos trabalhos pioneiros abriram caminho para um grande número de estudos (Ahearn 1982; Silver e Chaflant 1984; Cooper e Chaflant 1988; Baudrillard 1976).

A santificação social por discursos altamente performativos, artísticos e eruditos, foi uma das principais etapas desse processo de legitimação, tal como aconteceu com o Jazz (Fabiani e Carrières, 1999; Diallo 2014).

É notório o comprometimento ideológico e revolucionário em todas as manifestações artísticas dos quatro elementos da cultura, com destaque para o gênero musical e o *graffiti*, permeados de conteúdo contestatório e politizado (Silva, 2022).

No Brasil, a introdução do Grafite com tinta spray se deu “no fim dos anos 60, em São Paulo, por meio de protestos da juventude contra a ditadura militar” (Castro, 2018), “com influências políticas e de movimentos musicais e artísticos como a Bossa Nova e a Tropicália, e suas letras de protesto e cunho político (Manco, 2005).

O Grafite rompe com a normatização da paisagem, orientada pela hegemonia econômica, política e cultural vigente e que desse modo, dita os padrões estéticos – homogeneizados e hierarquizados – nos lugares, assim sendo, tem potencial transformador no espaço urbano (Shishito, 2017). Uma manifestação artística que rompe com padrões estéticos de percepção e apreensão convencional da arte (Blauth e Possa, 2012).

Apesar dos desafios, a arte de rua também encontra formas de se tornar visível e conquistar reconhecimento. Artistas de rua utilizam estratégias como a mídia social, a participação em festivais e eventos de arte urbana e a colaboração com outros artistas para ampliar o alcance de suas obras e alcançar um público mais amplo.

O crescente interesse pela arte urbana também contribui para sua visibilidade. Galerias de arte, museus e instituições culturais estão começando a reconhecer o valor da arte de rua e a incluir obras em suas exposições e coleções. Além disso, a mídia e os críticos de arte estão dando cada vez mais atenção à arte de rua, o que contribui para a sua legitimação como forma de expressão artística.

Enquanto movimento se desenvolve essencialmente como uma alternativa aos monopólios do uso da imagem e do espaço público, como intervenções que reimaginam a cidade como não passível de se configurar como propriedade (Baldin, 2021).

Como forma de apropriação do espaço urbano, o Grafite se junta à prática de skate e permite a visualização da cidade como um fenômeno vibrante e dinâmico (Wardhana e Ellisa, 2023).

O artista elabora a concepção do Grafite à partir de sua visão de mundo, vivências pessoais, contexto social, inquietações, e até mesmo fantasias e imaginação. E quando pintadas no meio físico urbano, são a tradução imagética do olhar do artista sobre um tema em um determinado tempo e espaço geográfico, uma “escritura territorial” (Canclini, 2003).

Figura 2 - Exemplos de Grafites.



Fotografias: arquivo pessoal do autor. Acima à esquerda: Grafite no muro do Centro Cultural Renato Russo em Brasília, D.F., Brasil, foto de fev/2020. Acima à direita: Grafite em muro de casa em São Paulo, S.P., Brasil, foto de abr/2019. Abaixo: Grafites em portões de garagens e muro de casas em Toronto, O.N. Canadá, foto de mai/2018.

O espaço porque o Grafite é uma atividade altamente territorializada e inscrita na matéria (Campos, 2017). O tempo porque havia modos complexos de o gerir que estavam relacionados com as temporalidades quotidianas e a organização do dia, mas também com a duração dos processos (Campos, 2017). Tempo e espaço são categorias unidas para estudar a constituição da vida social a partir de uma perspectiva espaço-temporal integrada (AWHU, 2021 pp. 275).

Nesse processo, a cidade se revela para seus cidadãos, não apenas como um espaço onde as funções públicas e privadas acontecem, mas como um arauto que por meio da arte informa, comunica, anuncia, denuncia (Souza e Blanco, 2020). Caracterizando o espaço urbano como território, já que “há uma relação estabelecida entre uma comunidade de pessoas politicamente organizadas e o seu espaço” (Gottmann, 1973) e o território “é a cena do poder e o lugar de todas as relações” (Raffestin, 1993).

Nesse contexto dinâmico ocorre um processo pelo qual grupos sociais estabelecem laços e conexões com determinadas áreas geográficas, uma territorialização do Grafite. Isso vai além da mera ocupação física e inclui a construção de significados simbólicos e identidades vinculadas a esses territórios. Através do grafite como prática cultural, social e política, representando a forma como as comunidades atribuem valor e significado a um espaço específico.

## 1.2 Semelhanças e diferenças entre Grafite e Pichação

Há também a Pichação como forma de manifestação artística nas construções urbanas, que também se utiliza da tinta spray. A qual foi generalizada com o Grafite pela Lei 9605 de 1998 e considerados crime contra o meio ambiente, como destacam Cruz e Costa (2008). Ainda que a diferenciação dessas duas manifestações artísticas seja polêmica e o Grafite possa ser interpretado “como uma evolução da Pichação” (Cruz e Costa, 2008), há indicativos de características distintas, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Distinção entre Grafite e Pichação

Autor(es)	Grafite	Pichação
Cruz e Costa (2008)	Originário das Artes Plásticas; força da imagem; traçado de linhas simples; escrita ligeira; ou formas coloridas e muito bem elaboradas; significado aparente ou não; pode servir de código cifrado e secreto.	Originária da escrita; privilegia a palavra ou letra; a escrita alfabética nem sempre se faz presente; letras hipoicônicas bem elaboradas ou traçados considerados rabiscos
Castro (2018)	Advêm das artes plásticas que privilegia a imagem, um de seus aspectos de relevância é o fato da proibição se apresentar sempre presente, a autorização para a atividade é essencial.	Variedade de estilos; conjunto de regras específicos; subverte valores, interfere no espaço; possui uma característica espontânea livre e gratuita, advêm da escrita e privilegia a letra.
Bessa e Feitosa (2023)	O grafite é bem mais elaborado com preocupação estética definida, as mensagens transmitidas aparentemente lúdicas podem traduzir todo contexto político-social, tais mensagens são vistas como expressão artística contemporânea e são respeitados e admirados pelo poder público e demais segmentos da sociedade.	Considerada como transgressiva, visualmente agressiva e, muitas vezes utilizada como instrumento de protesto, contribui para a poluição visual das cidades, degradando assim os espaços urbanos, quer seja público ou privado.

De acordo com Isnardis (1997), as pixações podem ser compreendidas como assinaturas estilizadas que, através da repetição e padronização de seus estilos, revelam uma coletividade de autores que compartilham um universo específico de relações e significados. Esse universo é caracterizado por códigos próprios, que incluem a maneira como as letras são desenhadas e a escolha dos locais para as intervenções. As pixações transcendem a mera marcação territorial; elas são uma forma de comunicação dentro de um grupo que se reconhece e se valoriza mutuamente.

A construção e a transmissão desses estilos são processos dinâmicos que envolvem aprendizado, imitação e inovação. Jovens pixadores aprendem os estilos predominantes ao observarem as obras já existentes, participando de uma espécie de "escola informal" onde as técnicas e os valores do grupo são transmitidos. Esse processo de aprendizado cria uma continuidade e uma evolução constante dos estilos, permitindo que a pixação se mantenha relevante e adaptável às mudanças no contexto urbano.

Além disso, as pixações funcionam como um meio de resistência e afirmação de identidade. Em um ambiente onde os espaços de expressão são frequentemente limitados, a pixação oferece uma plataforma para que os jovens marquem sua presença e reivindiquem seu lugar na cidade. Este ato de escrever no espaço público pode ser visto como uma forma de insurgência contra as normas estabelecidas, uma maneira de desafiar a invisibilidade imposta pelas estruturas de poder urbano.

A escolha dos locais para as pixações também é significativa. Muitas vezes, as pixações aparecem em lugares de difícil acesso ou de alta visibilidade, o que aumenta tanto o desafio quanto o impacto visual da intervenção. Esses locais são cuidadosamente selecionados para maximizar a exposição e a notoriedade dentro e fora da comunidade de pixadores, demonstrando habilidade, coragem e compromisso com a arte e a mensagem que desejam transmitir.

Diversas vertentes de arte urbana dividem os muros e espaços nas cidades, cada uma com suas características únicas e formas de expressão. Entre elas, destacam-se o stencil, o muralismo, o grafite, a pichação e as instalações artísticas,

que interagem com as pessoas e se comunicam de maneiras diversas, expressando sentimentos que podem ser tanto agradáveis quanto agressivos (Ribeiro, 2013).

O que antes era visto como contravenção está gradualmente sendo incorporado e interpretado sob uma ótica mais respeitosa e valorizada. A simpatia e a admiração pelo grafite têm aumentado à medida que a criatividade, qualidade e técnica dos artistas se desenvolvem (Silva, 2013). Esse reconhecimento crescente reflete uma mudança de paradigma, onde a arte de rua passa a ser percebida como uma legítima forma de expressão artística e cultural. Além disso, essa transformação tem contribuído para a valorização dos espaços urbanos, promovendo um diálogo entre a arte e a comunidade, e destacando a importância da inclusão das diversas manifestações culturais no ambiente urbano.

As pinturas no concreto são, dessa forma, incorporadas à paisagem urbana, compondo o lócus de vida da população. Seja na forma de grafite, stencil ou até mesmo de pichação, essas expressões artísticas são registradas no concreto e se tornam acessíveis ao olhar e à interpretação individual e coletiva. Elas não apenas embelezam o ambiente urbano, mas também capturam a essência das dinâmicas sociais, culturais e políticas que permeiam a vida nas cidades.

Entretanto, apesar de a dinâmica social incorporar até mesmo a pichação no cotidiano das pessoas, a normatização e legalização impostas pelo modo de produção capitalista frequentemente são rígidas e excludentes. As regulamentações urbanas muitas vezes visam preservar uma certa estética e ordem, marginalizando as formas de expressão que desafiam essas normas. Esse conflito entre a espontaneidade criativa dos artistas urbanos e as restrições legais reflete uma tensão maior entre a liberdade de expressão e o controle do espaço público. Em um ambiente onde as regras são ditadas por interesses econômicos e políticos, as vozes dissonantes encontram resistência, mas também persistem, reafirmando sua presença e relevância na paisagem urbana.

A luta pela legitimidade e aceitação da arte urbana é, portanto, um reflexo das batalhas mais amplas pela inclusão e reconhecimento das diversas formas de expressão cultural. Cada obra no concreto é uma declaração de existência, uma

resistência contra a homogeneização imposta e um convite à reflexão sobre o papel da arte na construção de uma cidade mais inclusiva e vibrante.

No Brasil, a legislação e regulamentação sobre o Grafite avançou desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, bem como no Distrito Federal, reconhecendo-o como forma de expressão cultural, conforme Quadro 2 a seguir. E ainda que o Grafite seja reconhecido como arte, não ocorre o mesmo com a pichação. Em território nacional, a pichação é crime.

Quadro 2 – Legislação sobre o Grafite

Legislação	Categoria da Norma	Texto Legal
Art. 215 da Constituição Federal de 1988	Federal	O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.
Lei 9605/98, art. 65, §2º (atualização decorrente da Lei 12408/11)	Federal	Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional.
Lei 6094/18, art. 2º, parágrafo único	Distrital	Instituí o programa de combate a pichações no D. F. Considera-se ato de pichação riscar, desenhar, escrever, borrar ou por outro meio conspurcar edificações públicas ou particulares ou suas respectivas fachadas, equipamentos públicos, monumentos ou coisas tombadas e elementos do mobiliário urbano. Ficam excluídos do programa instituído por esta Lei os grafites realizados com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística.
Decreto 39174/18	Distrital	Institui a Política de Valorização do Grafite, que visa o fortalecimento, valorização e fomento do Grafite no Distrito Federal e Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno - RIDE.

Nesse território dinâmico que é a cidade ocorrem processos nos quais as fronteiras físicas e simbólicas são desafiadas, redefinidas ou até mesmo eliminadas, promovendo desterritorializações. Conflitos entre grupos sociais são um exemplo de fenômeno que contribuí para a desterritorialização. Destarte, um Grafite pode ser pintado por cima ou rabiscado, desvinculando o público da arte que foi depredada.

Santos et al (2017) consideram o Grafite como documento de arquivo, já que é informação e conhecimento tácito externalizado, e por se tratar de uma representação que conta uma história social, por possuir característica dinâmica, que pode se perder, e não pode ser transportado, a fotografia como documento de arquivo torna-se o suporte de captura do gênero documental grafite.

A arte de rua é profundamente diferente da arte exposta em galeria, já que está continuamente exposta à dinâmica do ambiente urbano, estações do ano, ao tempo histórico (passar dos dias), e às ações antrópicas e não antrópicas (Nomeikaite, 2023). Destarte, a arte de rua se entrelaça com o meio ambiente urbano de diversas maneiras. As obras de arte urbana se integram à paisagem da cidade, dialogando com a arquitetura, a infraestrutura e o cotidiano dos habitantes. E assim como pinturas convencionais, ao ar livre, podem rachar ou descascar. serem pintadas por cima ou rabiscadas.

E nesse contexto de arte urbana, a Geografia contribuí com o aspecto locacional dos grafites, permitindo o registro de suas coordenadas, ou seja, registrando a localização no espaço urbano.



## **2 Relações Brasília, Escalas de Planejamento e Grafite**

O grafite tem sido frequentemente associado à resistência, à cultura marginalizada e à contestação social. Quando manifestado em ambientes de cidades planejadas, ele pode ser percebido como uma interrupção visual que contradiz as linhas arquitetônicas e a ordem preconcebida. Enquanto as cidades planejadas buscam estabelecer uma ordem estruturada e controlada, o grafite muitas vezes emerge como uma forma de expressão espontânea que desafia os princípios tradicionais de design urbano.

Nas cidades planejadas, onde a estética e a funcionalidade são meticulosamente delineadas, o grafite atua como um elemento de dissonância visual. Ele rompe com a uniformidade e a previsibilidade dos espaços, introduzindo uma camada de complexidade e dinamismo que reflete a realidade social e cultural vivida pelos habitantes urbanos. Essa forma de arte não apenas colore as superfícies cinzentas dos edifícios, mas também infunde vida e energia aos espaços urbanos, oferecendo uma contraposição vibrante à rigidez do planejamento arquitetônico.

Além disso, o grafite serve como uma plataforma de expressão para vozes que muitas vezes são silenciadas ou ignoradas nas esferas oficiais. Ele dá visibilidade às experiências e perspectivas das comunidades marginalizadas, transformando muros em telas que narram histórias de resistência, identidade e luta. Em cidades planejadas, onde a homogeneidade e a ordem são valorizadas, o grafite pode ser visto como uma forma de reivindicação do espaço público, um lembrete constante de que a cidade é um espaço vivido e compartilhado por todos os seus habitantes.

Ao desafiar as normas estabelecidas e subverter as expectativas visuais, o grafite questiona o próprio conceito de ordem e controle no ambiente urbano. Ele propõe uma reavaliação das políticas de uso do solo e da definição de beleza e valor cultural, promovendo um debate sobre inclusão, diversidade e justiça social. Em última análise, o grafite nas cidades planejadas destaca a importância de reconhecer e valorizar a multiplicidade de vozes e formas de expressão que coexistem no espaço urbano, enriquecendo a experiência coletiva da cidade e promovendo uma

visão mais holística e inclusiva do design urbano. A visibilidade dos Grafites na capital modernista depende de diversos fatores, como:

- **Localização:** Obras de arte de rua em locais com grande fluxo de pessoas, como centros urbanos e áreas turísticas, têm mais chance de serem vistas e reconhecidas.
- **Técnica e estilo:** Obras de arte de rua com técnicas mais elaboradas e estilos mais atraentes tendem a chamar mais atenção e serem mais valorizadas.
- **Mensagem:** Obras de arte de rua com mensagens fortes e relevantes para a sociedade contemporânea têm mais chance de gerar impacto e serem lembradas.
- **Contexto social e político:** O contexto social e político do local onde a obra de arte de rua é realizada também influencia sua visibilidade e recepção. Em locais com contextos sociais mais repressivos, a arte de rua pode ser vista com mais desconfiança e censura, enquanto em comunidades mais democráticas, ela pode ter mais espaço para se expressar livremente.

A arte de rua não se limita apenas a ser vista e apreciada. Ela também pode ser um poderoso agente de transformação social, cultural e política. Através de suas imagens e mensagens, a arte de rua pode:

- **Denunciar injustiças sociais:** A arte de rua pode ser utilizada para denunciar problemas como pobreza, desigualdade, violência e discriminação.
- **Promover a reflexão crítica:** A arte de rua pode provocar o público a questionar o status quo e refletir sobre os valores da sociedade.
- **Mobilizar a comunidade:** A arte de rua pode mobilizar a comunidade para a ação e promover a mudança social.
- **Construir identidade:** A arte de rua pode contribuir para a construção da identidade de grupos marginalizados e excluídos da sociedade.

Em muitos casos, a arte de rua atua como uma poderosa ferramenta de denúncia contra a degradação do meio ambiente urbano, trazendo à tona problemas como a poluição, a falta de áreas verdes e a má gestão dos resíduos sólidos. Através de suas obras, os artistas de rua não apenas embelezam os espaços

públicos, mas também lançam um alerta para a urgência de ações destinadas à proteção ambiental.

Esses artistas utilizam muros, fachadas e outros espaços urbanos como plataformas para comunicar mensagens ecológicas, muitas vezes de maneira visualmente impactante e acessível a todos. Murais e grafites podem ilustrar cenas de desmatamento, oceanos repletos de plástico ou cidades sufocadas pela poluição do ar, funcionando como um espelho que reflete as consequências das ações humanas no ambiente. A arte de rua, portanto, transcende a mera estética para se tornar um meio de conscientização ambiental, provocando reflexões e incentivando mudanças de comportamento nos cidadãos.

Além disso, a arte de rua frequentemente colabora com iniciativas comunitárias e ambientais, promovendo projetos que visam à revitalização de espaços degradados e à criação de áreas verdes. Muitos artistas se envolvem em campanhas de limpeza urbana, plantio de árvores e educação ambiental, transformando suas obras em símbolos de esperança e ação coletiva. Essas intervenções artísticas não só chamam a atenção para os problemas ambientais, mas também inspiram soluções práticas e mobilizam a comunidade para a preservação do meio ambiente.

Ao denunciar a degradação ambiental e ao promover a sustentabilidade, a arte de rua cumpre um papel vital na luta por cidades mais saudáveis e habitáveis. Ela desafia os cidadãos a repensarem sua relação com o ambiente urbano e a se engajarem em ações que contribuam para um futuro mais sustentável e equilibrado. Em última análise, a arte de rua emerge como uma voz crítica e transformadora, capaz de influenciar políticas públicas e de fomentar um maior senso de responsabilidade ecológica entre todos os que habitam e moldam as cidades

Em diversos casos, a arte de rua desempenha um papel crucial na revitalização de espaços degradados, convertendo locais abandonados em pontos de beleza e expressão artística. Murais coloridos e grafites criativos podem transformar muros cinzentos, infundindo vida e energia nesses ambientes e criando um espaço mais vibrante e acolhedor para a população.

Essas intervenções artísticas não apenas embelezam áreas urbanas negligenciadas, mas também estimulam um senso de comunidade e pertencimento entre os moradores. Através da arte, esses espaços ganham novas identidades e se tornam locais de encontro e interação social, promovendo a inclusão e a coesão comunitária. Além disso, a presença de arte de rua pode atrair visitantes e turistas, incentivando a economia local e contribuindo para a valorização do entorno.

Ao revitalizar espaços urbanos, a arte de rua também ressignifica a relação das pessoas com seu ambiente, destacando o potencial transformador da criatividade e da expressão artística na construção de cidades mais humanas e dinâmicas.

A arte de rua também pode promover a sustentabilidade urbana, incentivando o uso de energia renovável, a coleta seletiva de lixo e a valorização da bicicleta como meio de transporte. Através de suas obras, os artistas de rua podem sensibilizar a população para a importância de adotar práticas mais sustentáveis no dia a dia.

Na capital modernista Brasília, com seus monumentos que compõem a Escala Monumental, o concreto que edifica os monumentos, seus vãos livres, Blocos Residenciais e equipamentos que compõem a Escala Residencial, tem uma variedade de meios físicos para a expressão artística na forma de Grafites.

As escalas Monumental e Residencial compõem o planejamento do Plano Piloto de Brasília, juntamente com as escalas Gregária e Bucólica. A respeito da estrutura espacial do Plano Piloto, Lucio Costa dividiu o espaço construído em 4 escalas: Monumental, Residencial, Social e Bucólica (Costa e Lee, 2019). Costa e Peluso (2016) informam que a escala bucólica não consta nos documentos de Lucio Costa, e sim em Decreto de outubro de 1987 conforme indicado na Quadro 3.

Quadro 3 - As Escalas de Planejamento de Brasília conforme a literatura.

Autor(es)	Residencial	Monumental	Gregária	Bucólica
Costa; Peluso (2016)	Residências e comércio de primeira necessidade ao longo das Asas Norte e Sul	O corpo central da trama urbana idealizada	Junção das escalas Monumental e Residencial, concentrando o comércio maior, os serviços e a diversão da cidade	Aparece no Decreto 10.829, de 14 de outubro de 1987, que trata da preservação de áreas verdes como concepção urbanística de cidade-parque
Freitas (2016)	Distribuída ao longo das Asas Sul e Norte, toma como base as “superquadras”	Se relaciona aos aspectos simbólicos da sua função de capital federal e está configurada, sobretudo, no seu eixo monumental	Área mais propícia ao encontro, está configurada na área central da cidade	Relacionada à preservação paisagística e ao lazer
Azevêdo, G.; Neves, C. (2015)	Organiza as residências multifamiliares através das superquadras	Configurada pelo eixo monumental, da Praça dos Três Poderes até a Praça do Buriti	Interseção dos eixos monumental e rodoviário-residencial, sendo considerada o coração da cidade	Possui uma expressão intangível, que permeia todas as outras três escalas
Agapito; Diesel (2013)	Dinâmica, vida	Cidade fria e sem espaços de convívio	Áreas de Convergência da População (Setores)	Áreas de lazer, parques, orla do Lago Paranoá, jardins e praças
Flórez et al (2013)	Zonas de vivência massificada (Supequadras)	A marca da cidade e de Ente administrativo do País.	Encontro dos Cidadãos, Centro da Cidade.	Caráter de Cidade Parque, com extensas zonas de vegetação nativa
Rossetti (2013)	Superquadras e Áreas Residenciais	Palácios, Sedes de Governo e Espaços Cívicos	Atividades de Serviços e Comércio	Intensa Arborização e Lago Paranoá
Martins (2008)	Materializada pelas Unidades de Vizinhança	Área sede da Administração Federal, caráter cívico	Setores centrais, onde se concentra grande parte dos postos de trabalho	Amplios espaços livres que caracterizam o Plano Piloto como Cidade Parque

A escala gregária está diretamente relacionada à concentração de serviços e comércio, promovendo a convergência da população. Essa concentração cria centros urbanos vibrantes onde as pessoas se reúnem para trabalhar, consumir, socializar e acessar uma variedade de serviços essenciais. A densidade de atividades comerciais e de serviços em determinadas áreas urbanas facilita o encontro e a interação social, fortalecendo os laços comunitários e incentivando o desenvolvimento de uma identidade local.

Na escala residencial, a circulação de pessoas é composta por moradores das quadras residenciais, trabalhadores das áreas comerciais e dos blocos de apartamentos, consumidores dos estabelecimentos comerciais, e indivíduos em trânsito para outras quadras. Essa dinâmica resulta em uma circulação desconcentrada, refletindo a diversidade de funções e atividades que coexistem nessas áreas.

Essa circulação heterogênea promove interações variadas entre diferentes grupos, criando um ambiente residencial multifuncional. A presença de comércios locais e serviços próximos aos blocos residenciais facilita o acesso dos moradores a bens e serviços, ao mesmo tempo em que atrai trabalhadores e consumidores de outras áreas. A circulação de pessoas de passagem acrescenta um fluxo adicional, conectando diferentes partes da cidade e integrando as quadras residenciais ao tecido urbano mais amplo.

Enquanto que a escala monumental é caracterizada pela arquitetura monumental, grandes vãos, vias largas para circulação de veículos privados e transporte público (marcadamente ônibus). E interage diretamente com a escala gregária, já que favorece também o encontro da população na Zona Central da cidade.

Nas quadras residenciais, predomina a escala residencial. A qual encontra na superquadra e seus equipamentos urbanos sua expressão socioespacial. E suas áreas paisagísticas e de lazer compõem a escala bucólica. Porém, há também escala gregária nas quadras residenciais, ainda que com pouca concentração de pessoas, visto que as áreas paisagísticas e de lazer visam o encontro dos moradores, e também de quem passa pelas

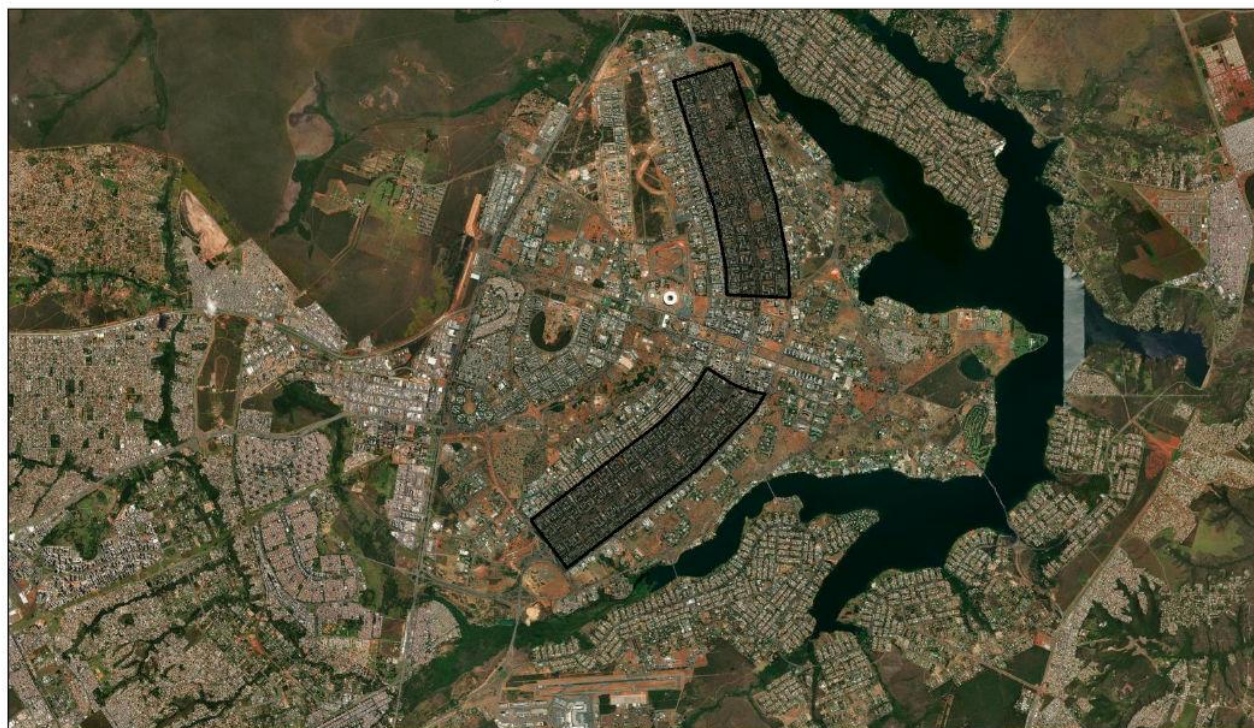
quadras residenciais. Há uma integração entre as escalas nas quadras residenciais.

Na proposta da capital como cidade-parque, o desenho urbano é orquestrado pelas áreas verdes (vazios) onde as massas construtivas (cheios) se distribuem, deste modo, as massas vegetativas e edificadas são organizadas sob uma lógica setorial e funcional, respeitando a escala de acordo com os distintos usos (Bispo, 2020).

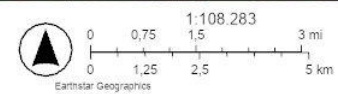
Brasília foi planejada a partir dos pontos cardeais, em um plano piloto que utiliza o Norte, o Sul, o Leste e o Oeste para orientação e localização. As Superquadras estão localizadas ao longo das Asas Norte e Sul, são as SQS e SQN, área de estudo desta pesquisa. Conforme croquis indicados na Figura 3.

Figura 3 – Localização das SQs nas Asas Sul e Norte.

Super Quadras Norte e Sul



5/20/2024



Fonte: Elaborado pelo autor com uso do ONDA/DF.



A inovação da proposta de Lucio Costa foi o zoneamento da cidade a partir das diferentes interações humanas com o espaço, dividindo a cidade basicamente em três setores: de lazer e comércio, de moradia (com pequenos equipamentos urbanos) e o centro cívico-administrativo do país (Azevêdo; Neves e Lira, 2014).

A cidade resultante do modernismo convive, na atualidade, com a desconstrução da paisagem idealizada, que se evidencia contrária aos objetivos de proteção ambiental e é determinada por interesses privados na expansão urbana (Tavares e Nakagomi, 2016). E do ponto de vista social, desde o início ficou evidenciada a exclusão das populações pobres e da massa de trabalhadores da nova ordem edificada, seja isso decorrente da excessiva homogeneização das tipologias construtivas e seus custos inerentes, da administração pública e práticas corporativas, ou da lógica do mercado, confirmando o caráter da desigualdade social brasileira (Paviani, 1991).

Como capital e metrópole em rápido desenvolvimento, traz consigo a problemática da cidade contemporânea com a expansão de seu território urbanizado, e não escapou de problemas crônicos característicos dos grandes centros do país, tais como: desigualdade social, debilidade de serviços públicos e desemprego, e dessa forma, seus moradores buscaram um relacionamento mais íntimo com o lugar que habitam, conforme suas necessidades, além da redoma do poder político, convivendo com seus problemas e usufruindo de suas potencialidades, e assim Talentos e manifestações espontâneas que – por meio da arte, do esporte e da coletividade – sugeririam possibilidades de afeto entre pessoas e com a urbe em si (Freitas 2018; Saboia et al 2022).

Emergem novas territorialidades que refletem as formas como as comunidades se adaptam e reconstroem suas relações com o espaço urbano. Isso pode manifestar-se em identidades híbridas, comunidades virtuais ou até mesmo novas formas de governança local, regional e até mesmo global. As novas territorialidades representam uma resposta dinâmica às transformações sociais e espaciais nas cidades, desafiando conceitos tradicionais de pertencimento e fronteiras.

Levantamento bibliográfico permitiu identificar cinco artigos de estudos dos grafites da capital modernista. Nos quais foram identificadas relações entre os Grafites e Brasília, conforme Quadro 4.

Quadro 4 - Relações Grafites e Brasília identificadas na Literatura.

Autor	Localidade	Método	Relações	Área
Almendra, R.S. (2022)	Zona Central	R. L. integrada com fotografias	Os Grafites trazem representações das formas de estar, experienciar e pertencer à urbe.	História Urbana
Almendra, R.S. (2021)	RA's de Brasília	H. O., acervo imagético e R. L.	Uma cidade que está sendo desmistificada e ocupada de forma livre e criativa por seus cidadãos.	História Urbana
Freitas, G. (2020)	Ruas do P.P.	R. L. integrada com fotografias	Pluralidade de reivindicações feministas (corpo, sexualidade e violência).	Cartografia Urbana/Social
Almendra, R.S. (2018)	W3; Viad.; Tes.; Pas. Sub.	An. de entrevistas e fontes imagéticas	Os grafites trazem novas experiências dos cidadãos com o espaço urbano.	História Urbana
Barbosa, D.P. (2015)	Brasília Imaginária	Prática envolvendo literatura e imagens	Diversas faces de acordo com as várias vivências que são possíveis na cidade.	Artes Visuais

A circulação desconcentrada de pessoas desfavorece a visualização dos grafites que estão presentes nas quadras residenciais, pelo grande público. E dessa forma, essa expressão de arte urbana está invisível. São os Grafites invisíveis das quadras residenciais de Brasília.

A Escala Gregária, caracterizada pelas vias urbanas amplas, concentração de serviços e comércio, transportes, circulação de pessoas, favorece a expressão imagética dos grafites, bem como a visibilidade.

O bloco residencial, enquanto realidade física, se relaciona com o usuário de diferentes modos: delimitação espacial, como plano de fundo para quem circula no espaço aberto da Superquadra e define seus espaços e limites, espaço de passagem e abrigo transitório contra a chuva ou o sol, ou moldura da paisagem vista de dentro para fora, por intermédio de suas janelas e sacadas (Palazzo e Solózano, 2020).

A busca por mediações simbólicas, vias diagonais para gerir conflitos dá às relações culturais um lugar proeminente no desenvolvimento político (Mondardo e Goettert, 2008).

Em Brasília, o projeto Picasso não Pichava, buscou capacitar jovens em situação de vulnerabilidade à partir de oficinas de arte e também pelo esporte, “por via de discursos pedagógicos” (Tedesco e Hammann, 2017), como uma forma de evitar pichações. Assim negação da Pichação como arte se faz presente na sociedade e é chancelada pelo poder público.

E há também na cidade a negação do Grafite, processo que se dá pela depredação seletiva. Ou seja, temas específicos são escolhidos para serem intencionalmente deteriorados, como por exemplo Grafites que retratam o feminino.

## **2.1 Brasília, o Urbano, e o Lugar**

Brasília é um fenômeno arquitetônico e urbano, que foi apropriado pelas pessoas, é um lócus de relações humanas. Um lugar onde a vida se dá.

A cidade produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo, é lugar, é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade – lugar, na escala local, em que as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental, é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (Carlos, 2007).

*Capital da esperança (Brasília tem luz, Brasília tem carros)  
 Asas e eixos do Brasil (Brasília tem mortes, tem até baratas)  
 Longe do mar, da poluição (Brasília tem prédios, Brasília tem máquinas)  
 Mas um fim que ninguém previu (Árvores nos eixos e polícia montada)*

*Brasília*

*Brasília*

*Brasília tem centros comerciais  
 Muitos porteiros e pessoas normais. (Plebe Rude)*

A cidade planejada à partir do ideário de integração nacional e interiorização do país, passou por um processo geográfico que teve seu início no planejamento, no plano piloto, e à partir daí foi apropriado pelas pessoas. Até mesmo na elaboração do plano piloto Brasília já passou a ser cultural, um fenômeno que só existe à partir das atividades humanas, dos olhares e ações individuais e coletivas das pessoas.

*Eu tenho pedras nos sapatos  
 Onde os carros estão estacionados  
 Andando por ruas quase escuras os carros passam*

*As ruas têm cheiro de gasolina e óleo diesel  
 Por toda plataforma, toda a plataforma  
 Por toda a plataforma você não vê a torre. (Capital Inicial)*

É também terra, conexão com o lugar, e logo é território. A cidade fria e alienada que existe no imaginário de quem não vive em Brasília é irreal. Brasília é sim espaço de luta e de conflito.

*Cuidados com o destino, um mundo descortino  
 Soltando a língua antes presa no véu palatino  
 Eu também quero agora  
 Não só pra futuras gerações  
 Agora, sim! Temos opções  
 Quebrando os padrões, saindo dos porões  
 Dê-me um punhado de palavra e fogo  
 Faço minhas poções  
 Mágica do amor, mágica do amor. (Ellen Oléria)*

É recanto de paz e de descanso, de moradia, de conexão com o lar e com as raízes.

*Sem certeza de véspera  
Manda linha  
Pro tempo que voa  
Saliva na boca  
Maré vira onda  
(na minha língua)  
  
Todo dia é carnaval  
Nessa esquina  
Da filha do vendaval  
Maravilha marginal  
(manda linha). (Leticia Fialho)*

A música e a arte urbana em Brasília não são apenas formas de expressão distintas, mas também se entrelaçam e se complementam. Festivais musicais frequentemente incorporam a arte urbana em sua programação, enquanto artistas de rua utilizam a música como inspiração para suas obras. Um exemplo é o Festival CoMA – Consciência Música e Arte.

Essa interconexão demonstra a vitalidade da cultura urbana em Brasília, onde a criatividade e a expressão artística se manifestam de diversas formas, moldando a identidade da cidade e a experiência de seus habitantes.

Toda essa dinâmica sociocultural que envolve Brasília, suas camadas sociais que não são divulgadas na grande mídia, está presente nos Grafites das Superquadradas da cidade. É o lugar e sua diversidade vivaz na arte pintada no concreto que tanto caracteriza essa cidade.

## **2.2 Geoiconografia - Potencialidade para a visibilidade dos Grafites das SQs**

Geógrafos tem examinado trabalhos artísticos, da pintura à fotografia e trabalhos interativos, e outras formas de estética urbana para identificar; relações com seus locais; narrativas de histórias e memórias que contam; grupos representados; potencial para o desenvolvimento socioeconômico; ritmos de mudanças paisagísticas e como integramos o novo ao cotidiano, e, visões do que é público que desenvolvem (Burk 2006; Degen et al. 2008; Hall 1997; Hawkins 2011; Japón 2015; Sharp 2007).

Schaaf et al (2017) informam que mais recentemente a integração entre geografia e arte cresceu em número e destaque, trazendo as práticas incorporadas e as sensibilidades materiais afetivas da prática artística para a mistura de métodos empregados pelos geógrafos culturais de maneiras que vão além dos modos representacionais e em direção a modos mais criativos de representação do mundo.

Notavelmente, a cartografia fotográfica não procura documentar visualmente um local inteiro nem documentar discursivamente todas as conversas críticas nele contidas (Ulmer, 2017). Pelo contrário, é um texto parcial, baseado em artes que, antes de uma discussão das descobertas, convida os leitores a experimentarem imagens por si próprios (Ulmer, 2016).

Baseia-se na “geografia performativa” através de imagens sensoriais e, no processo, “revê a teleologia do mapeamento, desfixando o conhecedor e o conhecido, o cartógrafo e os dados colocados” (Gemeinboeck, Dong, & Veronesi, 2007, p. 11). Enquanto os mapeamentos locativos colocariam imagens dentro de coordenadas geoespaciais, carimbos de data e hora ou panorâmicas de lente ampla, a cartografia fotográfica funciona dentro de um espaço cartográfico aberto (por exemplo, Doel, 1999; Ulmer & Koro-Ljungberg, 2015).

Nos dias de hoje o espaço habitacional foi enriquecido pelo que se chama de mobilidade virtual, que desvirtua os princípios básicos de organização, localização e coordenação da sociedade humana, o que levou a uma reorganização das atividades humanas no tempo e no espaço (Awhu, 2021).

E tendo em vista que os Grafites estão sujeitos ao desgaste do tempo, à remoção por autoridades locais e a outros fatores que podem apagar sua existência física. Através da geoiconografia, essas pinturas podem ser documentadas digitalmente, catalogadas, e disponibilizadas em mapas interativos online, permitindo que sejam visualizadas por um público global mesmo depois de desaparecerem fisicamente.

A Geoiconografia desponta como uma potencialidade para a visibilidade dos Grafites, já que combina representação visual e localização geográfica. Por ser fundamentada na associação entre a iconografia, que se refere ao estudo de símbolos e imagens, e as coordenadas geográficas que identificam a localização na superfície terrestre.

A catalogação fotográfica e espacializada dos grafites permite o registro em um banco de dados geoespaciais. Formando assim uma base de dados para consulta, visualização, e planejamento de ações como: manutenção dos grafites, elaboração de rotas de visitação, estudos de Geografia Cultural e Geohist ria.

A geoiconografia surge como uma ferramenta promissora para ampliar a visibilidade e a acessibilidade aos Grafites das SQs. Já que combina a tecnologia digital com a expressão artística ef mera, permitindo o registro imagético, a descoberta e a aprecia o contínuas das pinturas de arte urbana na cidade.

Portanto, recomendamos a elabora o de ferramentas que permitam a visualiza o e localiza o dos Grafites de forma online. E indicamos a Geoiconografia como potencial para fazer essa ponte entre o público e a arte. Permitindo o acesso remoto, e até mesmo para despertar o interesse pela visita o aos Grafites.

### 3 Grafites nas Superquadras de Brasília: Da Invisibilidade ao Mapa Online

A geolocalização é uma prática ancestral da humanidade, que consiste em estabelecer a própria posição no território e identificar pontos de referência cruciais para a facilitação do deslocamento. Isso pode ser alcançado através de diversos meios, seja por meio da orientação em relação ao Sol e às constelações, a utilização dos pontos cardeais e colaterais, a determinação de endereços específicos, ou ainda a precisão das coordenadas geográficas (Overholtzer e Argueta, 2018; Cunha e Ubelaker, 2020; DiGengi e Moore, 2012).

Na contemporaneidade do mundo atual, a prática da geolocalização e o uso de mapas foram amplamente difundidos por meio de ferramentas online, notadamente exemplificadas pelo *Waze* e pelo *Google Maps*, proporcionando uma notável facilidade na pesquisa de localizações e temas de interesse, além de possibilitar a identificação de localizações em tempo real (McQuire, 2019; Chakraborty et al, 2015; McQuire, 2023). Adicionalmente, existem recursos que, a partir do ambiente online, viabilizam a criação de mapas temáticos que incorporam imagens relacionadas ao tema mapeado, atendendo à disciplina da Geoiconografia, como é evidenciado pela funcionalidade oferecida pela ferramenta *Google MyMaps*.

Considerando que “em um sistema urbano, as aglomerações são, todas, objetos geográficos ou, ainda melhor, uma coleção de objetos geográficos, isto é, formas (Santos, 2002)”. Bem como que “os geógrafos urbanos devem se preocupar com o que se passa ao seu redor, sem fechar as portas para o mundo, mas abrir seus horizontes” (Paviani, 2010).

Considerando ainda que a Arte vem sendo objeto e método para geógrafos e estudos urbanos (como nos trabalhos de Amilhat-Szary, 2012; Blanc & Benish, 2016; Hawkins, 2011, 2013; Volvey, 2010; Boichot, 2012; Debroux, 2012; Grésillon, 2002, 2014; Guinard, 2014; Molina, 2010; Zebracki, 2012). Uma vez que a cultura e a arte estão mais visíveis nas cidades e tem sido focal para estratégias de (re)desenvolvimento urbano (Zukin, 1995; Miles, 1997; Paddison e Miles, 2007).



Outra consideração relevante trata que Brasília é a segunda cidade brasileira mais estudada pelos geógrafos urbanos (Vasconcelos, 2022). Porém, seus Grafites são um campo pouco explorado por esses profissionais, vide Quadro 3 retro.

Bem como, que “a sociedade contemporânea e globalizada tem promovido o aparecimento de novos sistemas comunicativos: pela multiplicação das TICS<sup>1</sup>, que se fazem mais visíveis entre os jovens, promovendo novas formas cognitivas e expressivas, novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade, o próximo e o distante” (Sallas, 2016). Com disponibilidade de ferramentas que apoiam a investigação, gestão, avaliação e monitoramento online (Conole e Dyke, 2016), que influencia a ação gerencial por meio de comunicação e colaboração automatizadas (Spanos et al, 2002).

### **3.1 Mapas online, *Google Mymaps* e aplicações**

As sociedades estão em um rápido movimento em direção a uma era em que praticamente tudo na vida cotidiana será passível de ser localizado em um mapa (Kerski, 2015; Ellegard, 2018).

Mapeamentos feitos com uso de plataformas online tem recebido nomenclaturas que remetem à web, tais como: cartografia cibernética (Taylor, 1997); na internet ou na web (Tsou, 2011); geoweb e neocartography (Cartwright, 2012), participativo ou colaborativo (Fernández, 2016). Em um processo de representação do espaço que considera o conhecimento da comunidade sobre o local que vive e atua (Almeida e Ventorini, 2014).

A plataforma do *Google MyMaps* permite a indicação do título e subtítulo do mapeamento, a mudança do mapa base de fundo do *Google Maps* para uma imagem de satélite do *Google Earth* (Nascimento, 2019), a inserção de fotografias e videos (Weber et al, 2021), gerar comentários e compartilhar o link do mapa criado (Tonini et al, 2014). Há de se destacar ainda a possibilidade de realização de trabalhos colaborativos de forma on-line (Sousa et al, 2022).

---

<sup>1</sup> Tecnologias da Informação e Comunicação.

Sua utilização tem se dado para aplicações em ramos diversificados do conhecimento, que tem em comum o aspecto locacional como preponderante, vide Quadro 5.

Quadro 5 – Aplicações do *Google Mymaps*.

Autor	Área de Estudo	Aplicação
Fauzi et al, 2022	Kota Bogor, Indonésia	Comparativo entre Google Mymaps e ArcGis para usos educacionais.
Andrade, 2022	Alto do Rodrigues RN, Brasil	Simular e analisar percursos urbanos integrando matemática ao cotidiano.
Estrada; Martinez, 2022	León, México	Mapeamento e caracterização de assédio sexual na cidade.
Pylarinos, 2022	Patras, Grecia	Monitoramento de redes de transmissão de energia.
Silva et al, 2022	Goiania GO, Brasil	Uso como ferramenta didática para sistematização do conhecimento geográfico.
Calvera; Fortuño, 2021	Sítios Históricos Romanos	Mapeamento de Sítios Históricos com descrição textual.
Sohor et al, 2021	Liv, Ucrania	Monitoramento de poluentes no ar.
Vieira; Bendini, 2021	Região Nordeste, Brasil	Identificação e Mapeamento de meliponários educativos.
Abate et al, 2020	Catania, Italia	Microzonamento sísmico para gestão de patrimônio histórico urbano.
Junior et al, 2020	Portugal	Elaboração de mapa sobre a geografia de Portugal
Falco et al, 2019	Caracas, Venezuela	Mapeamento de loteamentos informais para fins de planejamento urbano
Silva, Castro, 2019	Ribeirão Tangará (trecho urbano)	Diagnóstico Ambiental.
Sholihah; Widodo, 2018	Yogiacarta, Java, Indonésia	Mapeamento de patrimônio cultural para conservação.
Pastorio, 2018	São Gabriel RS, Brasil	Mapeamento das escolas municipais.
Fernandes et al, 2017	Favela do Sapé SP, Brasil	Elaboração de mapas relevantes e coerentes à realidade local.
Barros; Bodstein, 2016	Niterói RJ, Brasil	Mapeamento em prev./prep./resp. em D. Civil.

A utilização do *Google Mymaps* para mapeamentos de temas variados, com aspectos sociais e locais, indicam a versatilidade dessa ferramenta, sua facilidade de utilização e seu baixo custo. Tem quatro ferramentas básicas, que podem ser utilizadas individualmente ou em concertação: camadas (*layers*), polígonos, pontos (marcas), e mensurações (Duffy, 2019).

A clara vantagem do *Google Mymaps* é a curva de aprendizado que permite a rápida e efetiva geração e visualização de dados (McNiff, 2019).

Observações remotas consomem menos tempo e são mais baratas do que observações na rua (Saito et al, 2022). E permite a inserção rápida e simples da informação, bem como o seu compartilhamento (Molpeceres, 2022).

Em um contexto no qual a arte urbana enfrenta desafios como a censura, a criminalização e a falta de reconhecimento, o mapeamento online surge como uma ferramenta poderosa para democratizar o acesso a essa forma de expressão artística e contribuir para sua visibilidade. Através da criação de mapeamentos online que reúnem informações sobre grafites, o mapeamento online permitindo que:

- **Pessoas de todo o mundo possam conhecer e apreciar grafites:** Através de fotos, vídeos, descrições e informações sobre o local, o artista e a obra, o mapeamento online torna a arte urbana acessível a um público amplo, quebrando barreiras geográficas e sociais.
- **Artistas de rua possam divulgar seu trabalho:** O mapeamento online oferece aos artistas de rua uma plataforma para divulgar seu trabalho para um público maior, promovendo o reconhecimento de sua arte e contribuindo para a construção de sua carreira.
- **Pesquisadores e estudiosos possam ter acesso a dados sobre arte urbana:** O mapeamento online fornece uma base de dados valiosa para pesquisas sobre arte urbana, permitindo o estudo de tendências, estilos e temáticas presentes nessa forma de expressão artística.
- **Políticas públicas relacionadas à arte urbana possam ser mais eficazes:** O mapeamento online pode ser utilizado como ferramenta para o planejamento e a implementação de políticas públicas relacionadas à arte urbana, como a criação de circuitos de arte urbana, a proteção de obras de arte e a promoção da educação artística.

### 3.2 Geografia, Grafite e Turismo

Subversivos ou afáveis os Grafites então matizados nas Super Quadras das Asas Norte e Sul de Brasília. Ao ar livre e à disposição gratuita da população local, visitantes e turistas. E dessa forma podem ser vislumbrados como atrações turísticas, a serem visitadas.

Os Grafites são manifestações artísticas de rua, compõem a arte urbana com origem no hip hop (Pardue, 2008; Austin, 2010; Anderson, 2012; Low et al; 2016; Ashanti, 2018; Campos e Leal; 2021), e dessa forma integram manifestações culturais periféricas com origem no Gueto. No Plano Piloto de Brasília, em suas Super Quadras Residências, os grafiteiros conquistaram espaço para suas manifestações artísticas na forma de Grafites.

E o turismo urbano contemporâneo vai além dos monumentos tradicionais, abrangendo experiências autênticas, dinâmicas, com imersão na vida local (Pierce, 2012; D'Auria, 2009; Wickens, 2017; Pasquinelli, 2017). Nesse contexto, o Grafite e as ciclovias desempenham papéis significativos, oferecendo uma perspectiva única sobre a cultura local e a mobilidade sustentável.

A retomada do turismo pós pandemia indicou a necessidade de reconstruir melhor e, ao mesmo tempo, fortalecer as capacidades resilientes necessárias para sobreviver neste ambiente global altamente turbulento e obscuro. (Gretzel et al., 2020). Integrando revisões da literatura, já que ferramentas científicas inestimáveis (Mulrow, 1994, Yang et al, 2017; Le et al, 2019), que fornecem uma visão abrangente da pesquisa turística (Le et al., 2019) e, tenham procedimento claramente definido, e de fácil replicação dos resultados (Templier e Paré,2018).

O cicloturismo, como atividade física, lazer e meio de transporte, vem ganhando cada vez mais adeptos no mundo todo. No Brasil, essa prática também tem crescido consideravelmente, impulsionada por diversos fatores, como a busca por uma vida mais saudável, a preocupação com o meio ambiente e a crescente infraestrutura cicloviária em diversas cidades.

O desenvolvimento do cicloturismo pode gerar diversos impactos socioespaciais em um determinado território. Alguns desses impactos podem ser positivos, como:

- **Estímulo à economia local:** O cicloturismo pode gerar renda para a comunidade local através da venda de produtos e serviços aos ciclistas, como hospedagem, alimentação, artesanato e reparos de bicicletas.
- **Valorização do patrimônio cultural:** O cicloturismo pode contribuir para a valorização do patrimônio cultural local, incentivando a visita a pontos históricos, museus e outros atrativos turísticos.
- **Promoção da sustentabilidade:** O cicloturismo é um meio de transporte sustentável que não polui o meio ambiente e contribui para a redução do congestionamento das ruas.
- **Melhoria da qualidade de vida:** O cicloturismo pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população local através da promoção da saúde física e mental, do incentivo à prática de atividades ao ar livre e da criação de espaços públicos mais seguros e agradáveis.

As ciclovias, além de proporcionarem mobilidade sustentável, podem ser concebidas como base para rotas que destacam características geográficas notáveis (Pucher e Buehler, 2007; Broach et al, 2012). Ao criar ciclovias que conectam pontos geoturísticos, as cidades oferecem aos turistas e residentes uma maneira única de explorar as riquezas geográficas de uma região.

Para além de seus aspectos práticos e individuais, o cicloturismo também apresenta importantes relações com a territorialidade, ou seja, com a forma como os indivíduos e grupos sociais se apropriam e constroem seus espaços. Essas relações podem ser complexas e multifacetadas, envolvendo diferentes dimensões sociais, econômicas, culturais e políticas.

Neste contexto, a combinação de geoturismo, Grafite e ciclovias oferece um potencial inexplorado para o desenvolvimento urbano sustentável. Em um momento da vida em sociedade em que, acadêmicos e práticos clamam por interpretações alternativas da cidade criativa, em que o contato com artistas possa promover mais criatividade aos gestores (Boren; Young, 2013).

E para tanto, neste trabalho, propomos rotas de visita o aos grafites com uso de bicicletas e ciclovias, e avaliamos o SIG online utilizado para a elabora o das rotas de visita o com uso de bicicletas.

O turismo realiza-se no território pela valoriza o do seu patrimônio natural, cultural e paisagístico onde podem ser realizadas diversas atividades de lazer, descanso e recrea o. (Palomino-Villavicencio et al, 2016).

O turismo   caracterizado por uma dimensão espacial; implica em deslocamento de pessoas entre áreas de origem e destino, passando por áreas de trânsito (LEIPER, 1990). Sua produ o está vinculada ao uso de uma oferta que   disponibilizada pelas localidades visitadas (BENI, 2007).

E o geoturismo se insere no meio natural ou antrópico, no rural ou no urbano, nas transi es entre estes e nas suas categorias como o suburbano, e favorece a geoconserva o (In cio e Patul ia, 2019). Essa   uma visão holística do geoturismo que inclui a paisagem cultural, como também definem: Stueve et al (2002); Buckley (2003); Rodrigues (2009, 2014) Newsome e Dowling (2010); Dowling (2011).

Os padrões geográficos devem ser procurados não apenas em redes de cita es (como sugerido por Ahlgren et al., 2013; Pan et al., 2012; Wu, 2013) ou em t picos (Fontana et al., 2019), mas também no todo da pesquisa, como destinos foco e fontes de dados ou mesmo nas metodologias, já que a investiga o turística   inseparável dos locais examinados (Sulyok et al, 2022).

O ato de pedalar em um determinado território implica em uma intera o direta do ciclista com o espaço, permitindo que ele observe, vivencie e se aproprie de suas características físicas, sociais e culturais. Essa intera o pode ser mediada por diferentes fatores, como a infraestrutura cicloviária disponível, a segurança das vias, a presença de atrativos turísticos e a receptividade da comunidade local.

Do ponto de vista metodológico, vários tipos de mapeamento e síntese de análises sobre o corpo de conhecimento existente têm aparecido na literatura turística (Lim & Ok, 2021; Li et al., 2018). Nesse contexto, o uso de

TICS e SIG apoiam as governanças dos destinos em sua busca pelo desenvolvimento sustentável (PEREA-MEDINA et al, 2018; Signoret, 2011).

E o desenvolvimento do turismo cultural deve contemplar a integração de um 'conjunto estratégico' de fatores e iniciativas, que, através das novas tecnologias e serviços digitais, promova um significativo contributo em termos de política coesa, identidade e desenvolvimento local (Garau, 2017).

O cicloturismo emerge como uma alternativa cada vez mais popular para o turismo tradicional, oferecendo aos viajantes uma experiência autêntica, imersiva e sustentável de explorar o mundo. Ao invés de serem meros espectadores, os ciclistas se tornam protagonistas da jornada, pedalando por paisagens deslumbrantes, interagindo com comunidades locais e experimentando a cultura de forma genuína.

O grafite pode ser um importante atrativo turístico, especialmente para cidades que buscam se destacar no cenário do turismo cultural. Murais de alta qualidade artística, com temas relevantes para a comunidade, podem atrair visitantes de todo o mundo, impulsionando a economia local e gerando renda para os artistas.

No entanto, é importante que o desenvolvimento do turismo de grafite seja feito de forma responsável, com a participação da comunidade local e dos artistas. É crucial evitar a mercantilização da arte urbana e garantir que os benefícios do turismo sejam revertidos para a comunidade, e evitar impactos negativos, como:

- **Gentrificação:** O desenvolvimento do cicloturismo pode levar à gentrificação de algumas áreas, com o aumento do custo de vida e a expulsão da população local.
- **Degradação ambiental:** O aumento do fluxo de ciclistas em áreas frágeis pode levar à degradação ambiental, como a erosão do solo e a poluição por lixo.
- **Conflitos de uso do espaço:** O cicloturismo pode gerar conflitos de uso do espaço com outros meios de transporte, como pedestres e motoristas.

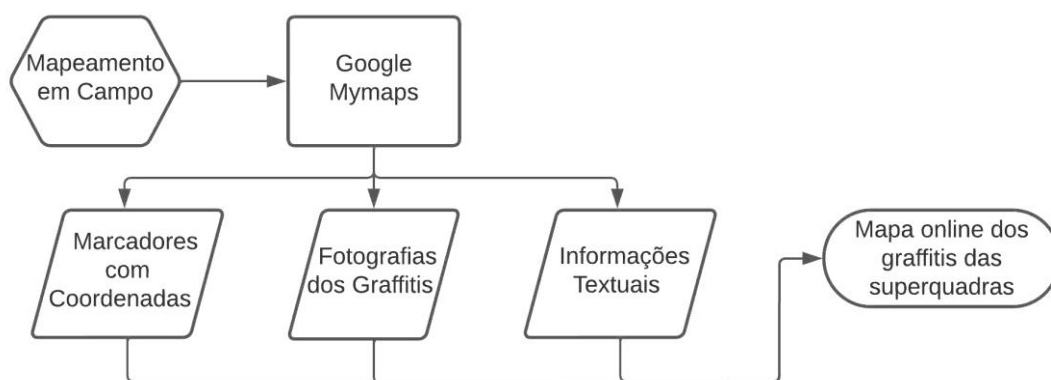
O cicloturismo, enquanto atividade que transcende o mero deslocamento físico, entrelaça-se com a Ciência Geográfica, tecendo um universo de interconexões que enriquecem a experiência do ciclista e abrem portas para pesquisas, planejamento e desenvolvimento de políticas públicas. Nesta intersecção fértil, a paisagem se revela em suas múltiplas camadas, convidando à exploração e ao aprendizado.

O grafite e o cicloturismo, duas formas de expressão cultural aparentemente distintas, se entrelaçam de maneira intrigante em um cenário urbano em constante transformação. Enquanto o grafite utiliza paredes como telas para mensagens visuais impactantes, o cicloturismo propõe uma exploração dinâmica do espaço urbano, revelando seus cantos e recantos muitas vezes ignorados.

#### 4 Procedimentos

A metodologia de trabalho utilizou o levantamento em campo da localização dos Grafites em cada Superquadra residencial da Asa Norte e Asa sul. Mediante a catalogação online com identificação dos Grafites na forma primitiva gráfica de pontos, com geolocalização. Conforme fluxograma:

Figura 4 – Fluxo de Procedimentos do Mapeamento Online



Utilizamos o mapeamento online integrado com fotografias dos Grafites, à partir do levantamento em campo, e propomos a caracterização conforme características de cada pintura em categorias. Para tanto foi utilizado a ferramenta online *Google Mymaps* para o levantamento pontual de cada





pintura de arte urbana, mediante registro no aparelho celular, com respectivas coordenadas, na forma de marcadores, registro fotográfico e informações textuais com os atributos de cada Grafite.

O levantamento fotográfico foi efetuado concomitantemente ao levantamento dos marcadores. E a fotografia de cada pintura foi anexada ao respectivo ponto mapeado. E de forma análoga foram registradas as informações textuais com os atributos de cada Grafites.

O levantamento em campo dos pontos e o levantamento fotográfico, para cada Grafite, foi realizado entre o dia 20/01/2023 e o dia 07/02/2023.

Os Grafites foram categorizados conforme sua localização, nas Super Quadras Norte (SQN) ou nas Super Quadras Sul (SQS), conforme Quadro 6 abaixo.

Quadro 6 – Quadro Simbologia Cartográfica utilizada

Cartografia	Localização	Super Quadras
	Asa Norte	SQN
	Asa Sul	SQS

As informações textuais foram: Artista, Estado de Conservação, Rede Social do Artista, Tema, Data do levantamento e da fotografia, em qual Asa está (norte ou sul), em qual quadra está localizada cada pintura (SQS ou SQN, e o número da respectiva quadra residencial).

Para cada Tema foi atribuída uma descrição com características, conforme indicado no Quadro 7. Considerando que pessoas usam discursos nas suas ações, particularmente em contextos sociais e interpretativos, em uma análise crítica do discurso (Kurtz, 2004).

Quadro 7 – Temas e características.

Tema	Características Observadas	Exemplo de Grafite (localização)
Universo Feminino	aspectos que remetem ao feminino	SQS 403
Abstrato	formas geométricas e surreais	SQN 116
Seres Vivos Abstratos	elaborados com formas geométricas	SQN 416
Seres Vivos	grafismos de seres vivos	SQS 208
Mítico	seres imaginários	SQN 410
Vida Urbana	aspectos de vida nas cidades	SQN 415
Diversidade	elementos culturais diversos	SQS 213
Universo Masculino	aspectos que remetem ao masculino	SQN 411
Imaginação	o imaginário humano	SQS 412
Música	instrumentos musicais, musicistas	SQN 209
Protesto	críticas sociais, comportamentais	SQS 415
Comics	personagens de quadrinhos	SQN 303
Circense	elementos de artes circenses	SQN 104
Homenagem	exaltação de uma pessoa	SQS 113

As informações textuais de cada ponto foram redigidas durante o levantamento de campo, bem como posteriormente, mediante edição da tabela de dados, acessada a partir do menu opções da camada, abrir tabela de dados e edição ponto a ponto.

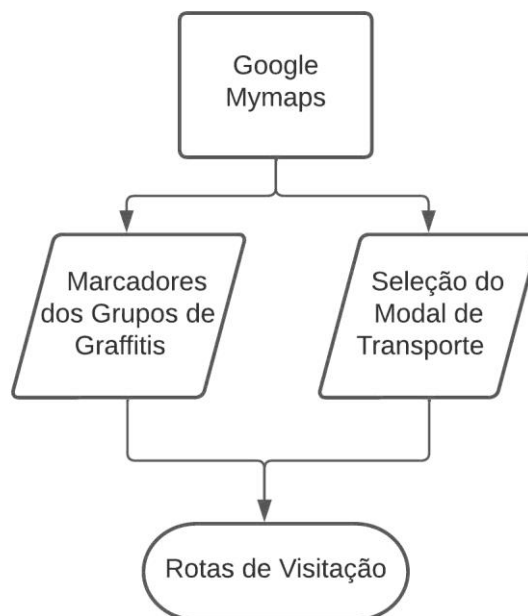
Quadro 8 – Informações Textuais dos Grafites

Informações	Exemplo com Informações Completas	Exemplo com Informações Incompletas
Artista	Parceria (Michelle Cunha, Luda)	Não Identificado
Tema	Universo Feminino	Seres Vivos Abstratos
Conservação	Conservado	Conservado
Rede Social	@michellecunha_mic; @luda.art.love	Não Consta
Data da Foto	20/01/2023	20/01/23
Asa	Norte	Norte
Quadra	SQN 216	SQN 416

Para todas as etapas de levantamento em campo foi utilizado um aparelho celular. E Posteriormente para edição textual e revisão dos temas, foi utilizado um laptop.

E os procedimentos par elaboração das rotas de visitação foram colocados em prática seguindo o fluxo indicado na Figura 05.

Figura 5 - Fluxo de Procedimentos para Rotas de Visitação



A primeira etapa da metodologia de trabalho está caracterizada pela marcação de pontos que indicam grupos de Grafites nas Superquadras residenciais da Asa Norte e Asa sul, ou Grafite único. A ferramenta online *Google Mymaps*, em sua versão para *notebook*, foi utilizada para a marcação de cada um desses, com respectivas coordenadas, na forma de marcadores, agrupados conforme os grupos de quadras residenciais (Norte ou Sul): 400 e 200 ou 100 e 300.

De forma subsequente, os marcadores foram utilizados para a elaboração das rotas de visitação para deslocamento utilizando bicicletas. Para tanto, o *Google Mymaps* dispõe da ferramenta adicionar rotas, que elabora as rotas à partir dos pontos e da modalidade de deslocamento (carro, bicicleta ou a pé) indicados pelo operador.

## 5 Resultados e Discussão

Na complexidade dos tecidos urbanos, a localização é essencial para os deslocamentos. Surgem os endereços. O endereço é uma forma de localização e orientação no território. Nas cidades nos guiamos por bairros, quarteirões, ruas, números, setores. Em Brasília os deslocamentos podem incluir ainda as Superquadras e os Blocos.

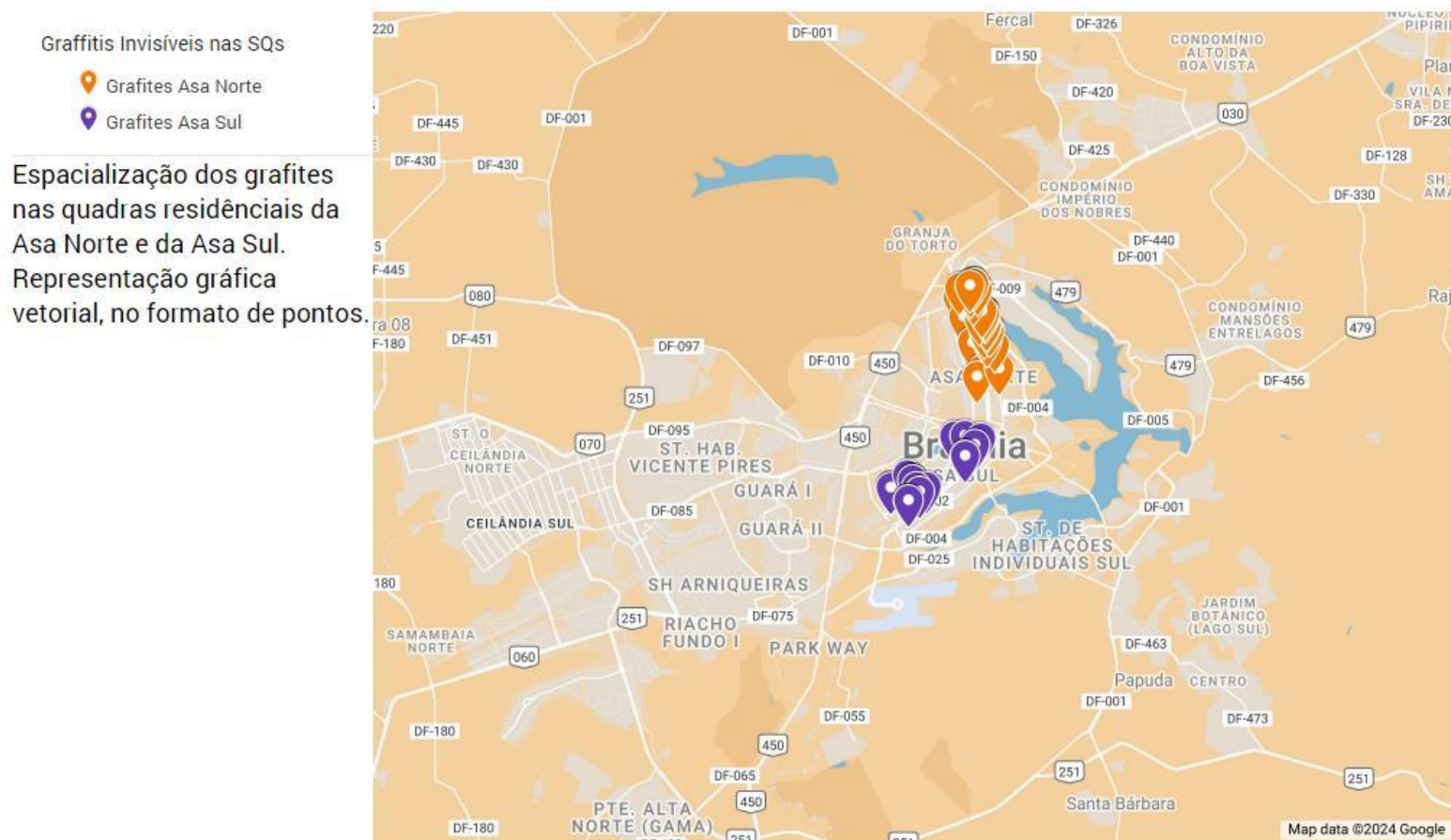
Os procedimentos propostos nessa pesquisa permitiram a identificação e o mapeamento de 86 Grafites localizados nas Superquadras (SQs) das Asas Norte e Sul.

São os Grafites invisíveis nas SQs. Visto que estão no interior de cada quadra residencial, circundados pelos blocos residenciais. E dessa forma, são visíveis apenas aos moradores de cada SQ, pessoas que ali trabalham ou ali realizam parte do seu trabalho, visitantes, pedestres ou ciclistas que por ali transitam para os seus destinos, motociclistas e motoristas.

A Figura 3 indica a visualização no *Google Mymaps*, indicando as Asas Norte e Sul, porém há sobreposição de pontos em virtude da escala de visualização, e não ficam visíveis todos os pontos na legenda. Mapa disponível online: [Grafites Invisíveis nas SQs 2023](#).

Figura 6 – Visualização no *Google Mymaps*

## Graffites Invisíveis nas SQs 2023



A arte em espaços públicos tem sido valorizada no mercado urbano desde que surgiu como uma maneira de transformar a imagem e a identidade de uma cidade (Guinard e Margier, 2018). E os grafites nas superquadras demonstram a “artificialização” (Roger, 1997) de Brasília.

Em um processo em que “os artistas podem propor através dos seus trabalhos abordagens críticas sobre o modo de produção contemporâneo nas cidades, e contribuir para novas abordagens para diferentes usos do espaço e até mesmo para propósitos de planejamento” (Miles, 2005; Till, 2011, Molina, 2016).

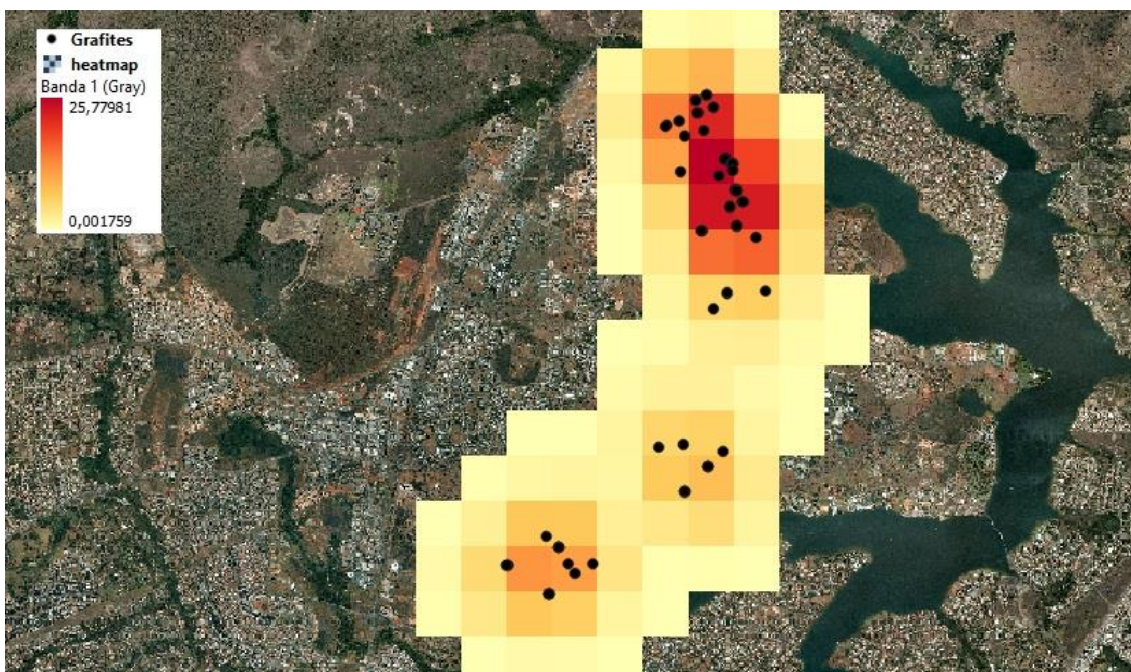
Apesar dos benefícios do mapeamento online de grafites, existem alguns desafios que precisam ser considerados:

- **Garantir a qualidade e a confiabilidade das informações:** É importante que as plataformas de mapeamento online disponham de mecanismos para verificar a qualidade das informações e garantir a confiabilidade dos dados.
- **Respeitar os direitos dos artistas:** É fundamental que o mapeamento online seja feito de forma ética e respeitosa, reconhecendo os direitos dos artistas e protegendo sua propriedade intelectual.
- **Evitar a gentrificação e a mercantilização da arte urbana:** É importante que o mapeamento online não contribua para a gentrificação ou a mercantilização da arte urbana, mas sim para a sua democratização e valorização como forma de expressão artística autêntica e engajada.

As análises do discurso visual estão se tornando cada vez mais importante para a compreensão de um mundo sociocultural visualmente mediado (Rose, 2001). A análise crítica do discurso é usada para examinar as maneiras pelas quais os discursos sociais proeminentes permitem e restringem as práticas sociais (Wood e Kroeger, 2000).

O levantamento indicou maior densidade de grafites na Asa Norte, com 58 ítems mapeados. Enquanto que na asa sul, foram identificados 28 Grafites.

Figura 7 - Densidade de Grafites.



O levantamento também indicou que a maior quantidade de Grafites está localizada nas Superquadras 200 e 400 da Asa Norte, conforme Gráfico 01.

Gráfico 1 - Quantitativo de Grafites por Grupos de Superquadras.





O levantamento em campo possibilitou a identificação dos Grafites invisíveis das Superquadras do Plano Piloto de Brasília. Bem como a espacialização dessas pinturas de arte urbana, e sua quantificação por grupos de Superquadras.



No tocante ao estado de conservação dos Grafites, o levantamento em campo realizado para o mapeamento online, permitiu a categorização em: Conservado, Desgastado ou Depredado, conforme exemplos indicados no Quadro 9.

Quadro 9 – Exemplos de estado de conservação dos Grafites

Conservado	
Desgastado	
Depredado	



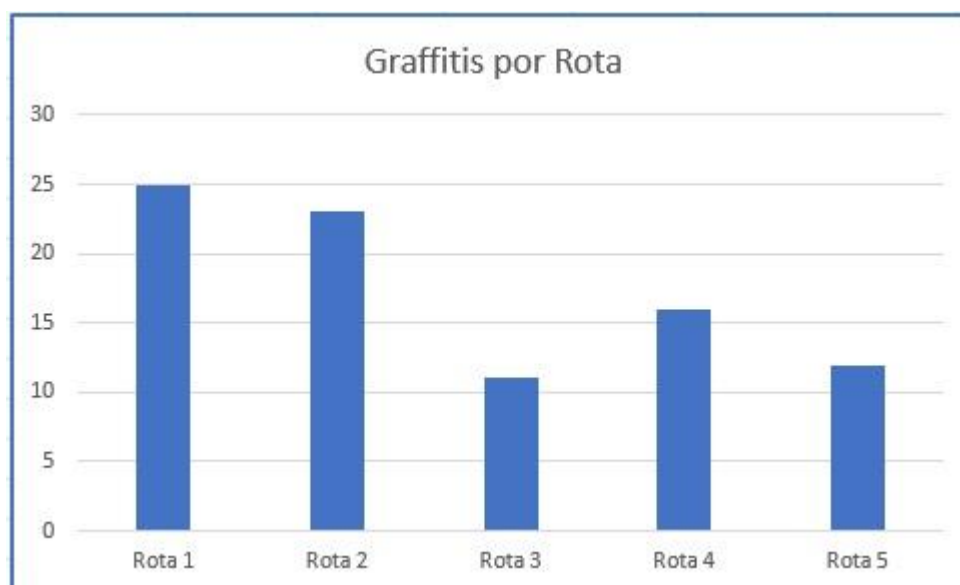
Considerando que as Asas norte e sul dispõem de ciclovias, as rotas foram elaboradas para o uso do modal bicicleta. Para cada rota elaborada o *Google Mymaps* utiliza no máximo quinze pontos. Destarte, considerando essa característica da ferramenta, os procedimentos propostos permitiram a elaboração de cinco rotas de visitação:

Quadro 10 – Rotas de Visitação aos Grafites das SQs.

Rota	Grafites no Mapa Online
1	1 ao 25
2	25 ao 47
3	48 ao 58
4	59 ao 74
5	75 ao 86

No Quadro 8 o ponto 25 está duplicado, aparecendo na Rota 1 e na Rota 2. O qual é o ponto de conexão entre a Rota 1 – Mapa dos Grafites e a Rota 2 – Mapa dos Grafites, e portanto foi adicionado às duas rotas para a continuidade entre elas. E a Figura 03 indica o quantitativo de Grafites por rota.

Gráfico 2 - Grafites por Rota de Visitação



Considerando a visitação turística. O turismo com uso de bicicleta   caracterizado pela visitação e observação de lugares para fins recreacionais, durante um ou mais dias, com uso preponderante de bicicleta para o deslocamento, incluindo pessoas que usam bicicleta ocasionalmente, de forma independente ou organizada, e ocupa um nicho importante no mercado do turismo (Sustrans, 1999; Ritchie et al, 2010; Serra, 2016; Yeh et al, 2019; Belotti, 2022).

O cicloturismo e o turismo urbano se consolidam como alternativas de lazer e mobilidade sustentável, proporcionando aos visitantes uma experiência autêntica e imersiva nas cidades. Nesse contexto, as rotas ciclotur sticas e os roteiros de turismo urbano surgem como ferramentas valiosas para a valorização e divulgação da arte urbana, em especial do grafite.

E o ciclismo   reconhecido como forma sustentável de passeio e forma importante de atividade física, oferece bem estar aos praticamente recreacionais ou como turismo, benefícios às condições de saúde, promove uma imagem ambientalmente responsável do destino, e facilita a inclusão social de pessoas com deficiência (Pucher e Buehler, 2012; Han e Yoon, 2015; Dunford et al, 2016; Gazzola et al., 2018; Bielinski et al., 2019; Asan e Aksos, 2022).

Fatores sociais e ambientais influenciam as escolhas dos ciclistas turistas, incluindo aspectos geográficos (Maldonado-Himajeros, 2014). Ciclistas preferem rotas próximas às atrações, com funcionalidades para o ciclismo, ciclovias com qualidade, e presença de centros de informação (Chen e Chen, 2013, Lee e Huang, 2014). A criação de infraestrutura para bicicleta pode induzir decisões dos turistas no turismo de bicicleta (Faulks et al, 2019; Nickerson, 2019).

O ciclista turista   o visitante que utiliza a bicicleta para fins de transporte, durante o feriado ou de férias, e o uso da bicicleta   parte integral do seu passeio, feriado ou férias (Simonsen et al, 1998)

As rotas de cicloturismo e os roteiros de turismo urbano oferecem aos visitantes a oportunidade de explorar a cidade de forma mais próxima e autêntica, pedalando ou caminhando pelas ruas e descobrindo os tesouros

escondidos em cada esquina. Nesse trajeto, a arte urbana se revela como um elemento fundamental da experiência, proporcionando um contato direto com a cultura local e suas diversas nuances.

As rotas de cicloturismo e turismo urbano podem ter um papel crucial na promoção da visibilidade e valorização da arte urbana, especialmente do grafite. Ao incluir essas manifestações artísticas como parte dos roteiros, as cidades demonstram reconhecimento e respeito pela cultura local e pelas diversas formas de expressão.

Essa valorização se traduz em diversos benefícios:

- **Estímulo à produção artística:** A inclusão da arte urbana nas rotas incentiva artistas locais a continuarem criando e se expressando, reconhecendo seu trabalho e contribuição para a cultura da cidade.
- **Desenvolvimento econômico:** A arte urbana pode atrair turistas e gerar renda para a comunidade local, impulsionando o comércio e serviços em torno das áreas com maior concentração de obras.
- **Educação e conscientização:** As rotas podem servir como ferramentas educativas, promovendo a compreensão da arte urbana como forma de expressão cultural e social, combatendo o estigma e a criminalização do grafite.
- **Revitalização urbana:** A arte urbana pode contribuir para a revitalização de espaços públicos degradados, transformando-os em locais vibrantes e convidativos.

Cidades ao redor do mundo reconhecem o valor da arte urbana e a integram em seus roteiros turísticos, promovendo a visibilidade e valorização dessa forma de expressão cultural. Entre os exemplos, podemos citar:

Berlim, Alemanha: A cidade possui uma cena de grafite vibrante, com diversos murais e obras espalhadas pelas ruas. O East Side Gallery, um trecho preservado do Muro de Berlim coberto por grafites, é um dos pontos turísticos mais visitados da cidade.

Melbourne, Austrália: Considerada a capital mundial do grafite, Melbourne possui diversos roteiros que levam os visitantes a explorar os murais e intervenções artísticas espalhados pela cidade.

Rio de Janeiro, Brasil: A Cidade Maravilhosa é famosa por seus grafites coloridos que retratam a cultura local, a história e a vida nas comunidades. O roteiro "Rio Grafite de Rua" leva os visitantes a conhecer alguns dos principais pontos de arte urbana da cidade.

No caso da cidade maravilhosa, destaca-se a Alameda Olímpica. Inaugurada em 2016 por ocasião dos Jogos Olímpicos Rio 2016, se configura como um espaço singular na paisagem urbana do Rio de Janeiro. Conectando a Barra da Tijuca ao Parque Olímpico, a via se destaca por sua infraestrutura ciclável, que a torna um importante corredor para o cicloturismo na cidade. Além disso, a Alameda se tornou um palco para a expressão artística urbana, com diversos grafites que adornam seus muros.

A Alameda Olímpica possui uma infraestrutura ciclável de alta qualidade, com ciclovias segregadas do tráfego de veículos, sinalização adequada e pontos de descanso. Essa infraestrutura torna a via um ambiente seguro e agradável para ciclistas de todos os níveis de experiência. O cicloturismo na Alameda contribui para a integração urbana, promovendo a mobilidade sustentável e a qualidade de vida dos cidadãos.

Visando integrar os grafites ao turismo de Brasília, primordialmente a partir do cicloturismo, elaboramos as rotas de visitação conforme indicado no mapa da Figura 8, em *layout* elaborado com o complemento *AutoLayoutTool*, no QGIS, versão 3.36.0 - Maidenhead. Mapa disponível online: [Mapa das Rotas de Visitação aos Grafites nas SQs 2023](#).

Figura 8 – Rotas de Visitação aos Grafites das SQs de Brasília.



Essas rotas podem ser utilizadas por turistas a pé, ciclistas, pessoas com deficiência de forma online ou presencial. Ou seja, estão acessíveis a todos os cidadãos de Brasília, bem como visitantes.

A intergração entre grafites e cicloturismo nas Super Quadras de Brasília tem potencial para gerar uma experiência urbana rica e significativa. Ao pedalar pela via, os ciclistas podem apreciar a arte urbana e se conectar com a cultura local.

Os grafites, por sua vez, podem inspirar os ciclistas a refletir sobre a cidade e seus habitantes. E essa interação entre diferentes formas de expressão urbana contribui para a construção de um espaço público mais vibrante e dinâmico.

Concomitante, é fundamental que o mapeamento online seja feito de forma ética e responsável, respeitando os direitos dos artistas, a privacidade dos indivíduos e a legislação local. É importante também estar atento aos desafios e às perspectivas para o futuro dessa ferramenta, buscando sempre aprimorá-la e adaptá-la às novas tecnologias e às mudanças sociais.

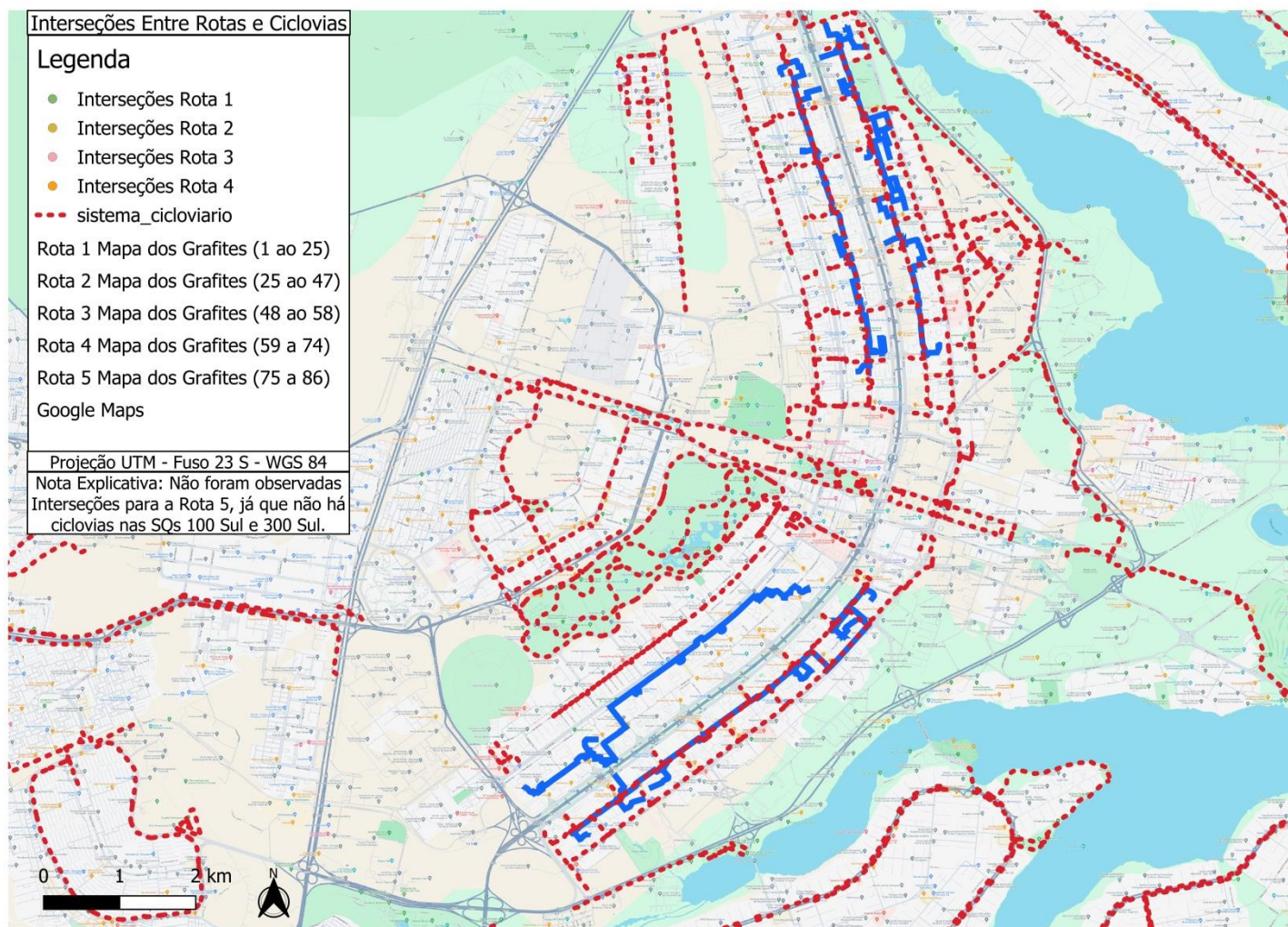
O processamento para elaboração das rotas no *Google Mymaps* mostrou eficiente, já que as rotas foram elaboradas em poucos segundos e rapidamente adicionadas ao layout do mapa online.

Porém, observou-se que a ferramenta não priorizou as ciclovias, e elaborou as rotas mesclando ruas, ciclovias e calçadas. Implicando no deslocamento dos ciclistas entre pedestres e entre veículos.

Para tanto prosede-se a análise visual comparando as Rotas elaboradas no *Google Mymaps* com imagens do *Google Earth Pro*. Bem como, prosedemos análise espacial com uso do QGIS 3.36 – Maidenhead, à partir da ferramenta de análise vetorial Interseção de Linhas, para avaliação com o Sistema Cicloviário do DF, cujo resultado está na Figura 9.

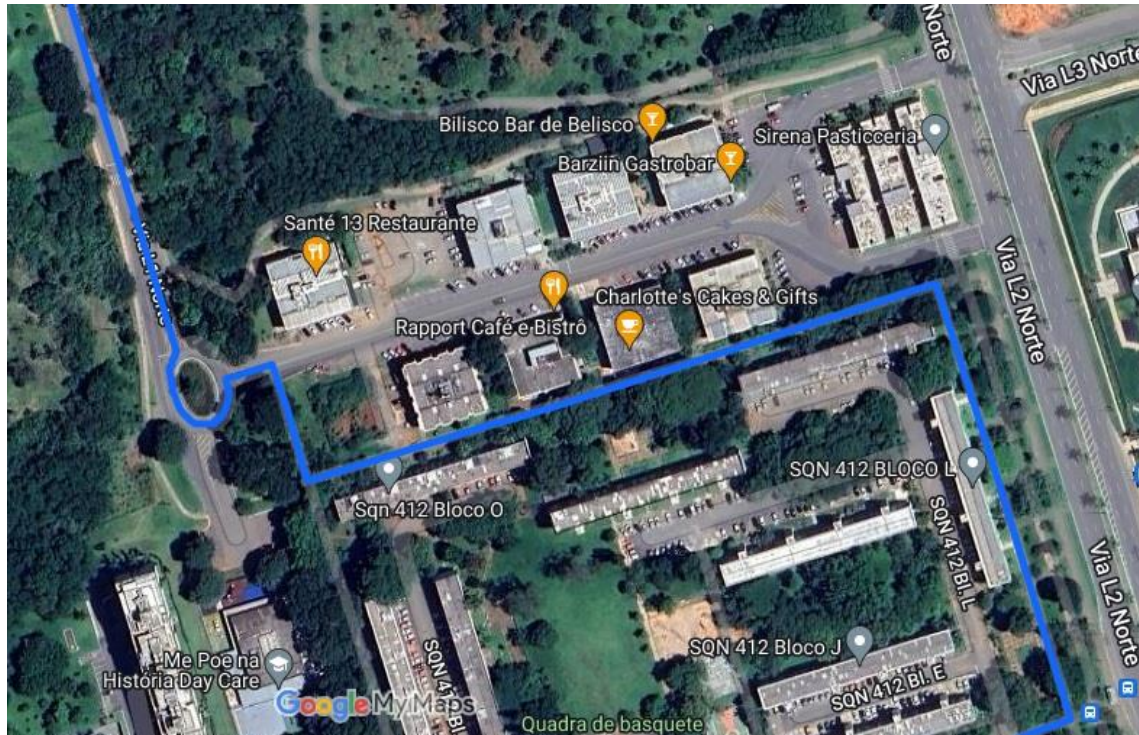


Figura 9 - Interseções entre as Rotas e o Sistema Ciclovitário.



E dessa forma, evidencia-se trechos das Rotas elaboradas no *Google Mymaps* em que não há interseção com o Sistema Ciclovitário do DF.

Figura 10 - Exemplo de Trecho de Rota em Rua, Calçada e Ciclovía.



Notadamente a Rota 5, que contém os Grafites das Super Quadras 100 Sul e 300 Sul, em que não há interseção com o Sistema Ciclovitário do DF. Já que não há ciclovias naquelas Super Quadras.

Tais aspectos indicam a necessidade de aprimoramento das rotas de visitação aos Grafites das Superquadras de Brasília. Já que os deslocamentos por ruas expõem o ciclista a dividir o espaço com carros e ao risco de atropelamentos. Enquanto que nas calçadas, o ciclista passa a ser um fator de risco ao pedestre. E dessa forma, consideramos a visitação online mais segura para ciclistas e pessoas com deficiência.

No tocante à elaboração dos *layouts* dos mapas presentes na Figura 06 e na Figura 08, consideramos que tanto o *Google MyMaps* quanto o complemento *AutoLayoutTool* para QGIS, negligenciaram elementos cartográficos como: Sistema de Projeção Cartográfica, *DATUM*, Fuso ou Zona, Quadrícula ou *Grid*. No caso do *Google MyMaps*, até mesmo Escala e



Indicação do Norte não constaram e a Legenda informou apenas o texto descritivo.

A arte urbana, em especial o grafite, se configura como um elemento fundamental da cultura urbana, expressando a identidade, a história e as lutas das comunidades. As rotas de cicloturismo e turismo urbano podem ser ferramentas poderosas para a valorização dessa forma de expressão, promovendo a visibilidade, a conscientização e a preservação da arte urbana. Ao integrar a arte urbana em suas experiências, ciclistas e turistas podem contribuir para a construção de cidades mais autênticas, vibrantes e humanas.

A geoiconografia promoveu a este mapeamento um meio de visibilidade aos Grafites de forma online, já que permitiu a integração das fotografias das pinturas às suas localizações. Em um mapa online que pode ser visualizado remotamente, assim como as informações fotográficas de cada Grafite. E a visita online pode ser feita seguindo as rotas elaboradas nesta Tese, como uma forma de orientação.

As informações contidas nas fotografias podem ter diferentes finalidades, mas, de uma forma geral, expressam informações sociais e/ou ambientais, além de provocar no observador diferentes reações (Nascimento e Steinke, 2018).

Caracterizando “uma fonte iconográfica que pode ser pesquisada num único portal através da identificação de um local preciso no mapa e da indicação de uma referência temporal ou temática” (Petrella, 2016). Favorecendo a visibilidade dos Grafites aos usuários, já que todos os usuários tem o “direito à cidade” (Lefébvre, 2009 [1968]).

O mapeamento online de grafites é um tema rico e complexo que suscita diversas reflexões. É importante reconhecer o potencial dessa ferramenta para democratizar o acesso à arte urbana, promover a sua visibilidade e contribuir para a sua valorização como forma de expressão artística autêntica e engajada.

## Considerações

A arte urbana se manifesta em diversas formas, desde murais coloridos até intervenções poéticas em espaços públicos. O grafite, por sua vez, se destaca como uma das expressões mais populares, utilizando tinta spray para criar obras de arte em muros, paredes e outras superfícies urbanas.

Essas manifestações artísticas transcendem a mera estética, carregando consigo mensagens sociais, políticas e culturais. Frequentemente, abordam temas como desigualdade social, empoderamento, meio ambiente e crítica ao sistema, servindo como um espaço de expressão para grupos marginalizados e vozes silenciadas.

O Grafite foi difundido mundo afora e foi apropriado pelos artistas grafiteiros em seus locais de vida, em seus territórios. Nesse processo que está em andamento desde as primeiras pinturas de Grafite em Nova Iorque e Filadélfia, e no caso do Brasil em São Paulo, elementos Afro e Latinos foram incorporados a essa arte, bem como elementos característicos da cultura e vida local onde o Grafite se manifesta pelas mãos e criatividade dos grafiteiros.

Em um processo que conecta territorialização, desterritorialização e novas territorialidades. O Grafite e o como se manifesta espacialmente, oferecem uma lente analítica valiosa para compreender as complexidades da vida urbana contemporânea, e também apresentam desafios significativos. As tensões entre tradição e modernidade, localidade e globalidade, surgem como temas críticos que demandam abordagens das ciências sociais.

A sucessão de territorialidades, desterritorialidades e novas territorialidades, oferece uma visão rica das dinâmicas espaciais na sociedade atual. Compreender esses processos é crucial para navegar pelas complexidades da cidade em constante transformação, onde as fronteiras são fluidas, e as identidades estão em constante evolução.

A arte de rua se consolida como um elemento importante do meio ambiente urbano, contribuindo para a sua expressão, transformação e sustentabilidade. Ao traduzir as realidades das cidades, questionar o poder e

propor soluções criativas, a arte de rua se torna um agente fundamental na construção de cidades mais justas, verdes e humanas.

É fundamental reconhecer a arte de rua como uma forma legítima de expressão artística e cultural, promovendo sua valorização e integração nas políticas públicas urbanas. Ao incentivar a produção artística nos espaços públicos, podemos fomentar a criatividade, a participação social e a construção de cidades mais vibrantes, sustentáveis e democráticas.

A metodologia utilizada permitiu a localização e o mapeamento dos Grafites das superquadras das asas norte e sul de Brasília. Com o levantamento em campo foram identificados e fotografados 86 Grafites, os quais foram especializados no *Google MyMaps*. Possibilitando a visibilidade dos Grafites em um mapa online, acessível remotamente, no qual constam coordenadas e informações textuais de cada Grafite.

Bem como possibilitou a categorização dos 86 Grafites, conforme características comuns e a simbolização cartográfica conforme classes. Tal categorização não é taxativa, conquanto não excluí outras possibilidades de categorização como por exemplos: por artistas ou por conservação dos Grafites.

Por estarem nas superquadras, entendemos que os Grafites estão inseridos na Escala Residencial do Plano Piloto de Brasília. E de forma análoga também estão inseridas na Escala Bucólica, pois fazem parte de áreas consideradas de convivência nas superquadras. E dessa forma, são parte integrante do patrimônio cultural da capital. E a visibilidade em um mapa online favorecem a apropriação popular e a conservação dessas pinturas de arte urbana.

O mapeamento online dos grafites se apresenta como uma ferramenta poderosa para democratizar o acesso à arte urbana, promover a sua visibilidade e contribuir para a sua valorização. Através da criação do mapa online que reúne informações sobre os grafites das Super Quadras residenciais, o mapeamento online permite que pessoas de todo o mundo possam conhecer e apreciar essa arte, artistas de rua possam divulgar seu

trabalho, pesquisadores e estudiosos possam ter acesso a dados valiosos e políticas públicas relacionadas à arte urbana possam ser mais eficazes.

É importante salientar que o mapeamento online foi feito de forma ética e responsável, garantindo a qualidade das informações, respeitando os direitos dos artistas, com o intuito de evitar a gentrificação e a mercantilização da arte urbana e promovendo a inclusão social e a valorização da diversidade. Ao seguir esses princípios, o mapeamento online poderá contribuir para a construção de um cenário mais plural, tolerante e engajado na construção de um futuro melhor, onde a arte urbana possa ser apreciada e valorizada por todos como forma de expressão artística autêntica, crítica e transformadora.

Além disso, o mapeamento realizado abre possibilidades para continuidade da pesquisa em estudos futuros. Os quais podem versar sobre: proposição de rotas de visitação aos Grafites mapeados, elaboração de um plano de monitoramento das mudanças nos Grafites e de manutenção, ampliação do mapeamento para regiões administrativas como por exemplo Ceilândia.

Consideramos a metodologia utilizada satisfatória para o alcance dos objetivos propostos, de forma prática e intuitiva, demonstrando a versatilidade da ferramenta *Google MyMaps*.

Em Brasília, ficou evidenciado nessa pesquisa, o Grafite como manifestação da vida local, e suas relações territoriais com a cidade. Há momentos em que o Grafite é resistência, denuncia, reivindicação, vida, diversidade, e o que a interpretação dos observadores possa capturar dos grafites.

No tocante aos Grafites das Super Quadras Residenciais, ponderamos que sua visibilidade é limitada aos moradores, visitantes e a quem passa em direção a outra quadra. Isso acontece em função dos prédios que estão em volta dos grafites, atuando como moldura e também como bloqueio da visão. Dessa forma, estão invisíveis para o grande público.

As intervenções artísticas nos espaços urbanos das Superquadras de Brasília desafiam as fronteiras entre o planejamento e a liberdade criativa do

Grafite, criando um equilíbrio dinâmico entre o passado e o presente. Compondo o espaço urbano da cidade modernista, sua característica de mediar a arquitetura modernista e a apropriação pela população local.

Brasília, como cidade modernista, continua a evoluir como um palco para a experimentação artística e urbana. O Grafite, com sua capacidade única de refletir e desafiar a cultura contemporânea, se integra de maneira significativa ao cenário urbano da capital. Ao fundir a visão ousada dos pioneiros modernistas com a expressão espontânea do Grafite, Brasília reforça sua posição como um espaço onde a tradição e a inovação convergem, moldando uma narrativa urbana única e dinâmica.

Nesse contexto, os grafiteiros atuam diretamente na infraestrutura urbana, no concreto e nos revestimentos (como é o caso das cerâmicas das caixas de energia das Superquadras), e à partir das suas pinturas em spray contribuem para a arte livre e aberta, bem como para a provocação de reflexões nos observadores.

Na capital modernista, os Grafites enquanto arte urbana integram-se às escalas de planejamento da cidade. Na escala gregária, em áreas que concentram a circulação de pessoas. Na escala residencial, em muros da infraestrutura das Super Quadras. Na escala monumental, em áreas que remetem à administração pública. Na escala bucólica, em áreas de convivência.

Apresentamos neste trabalho os Grafites invisíveis das Superquadras de Brasília. Para tanto utilizamos o mapeamento online com o objetivo de dar visibilidade a essas pinturas de arte urbana. Para tanto contextualizamos o Grafite como arte rua, e também Brasília como cidade modernista, suas relações (Brasília e Grafite), e utilizamos o levantamento em campo.

Com o levantamento em campo, utilizando a ferramenta *Google Mymaps* e fotografias dessas pinturas de arte urbana, catalogamos 86 Grafites. Nos quais identificamos características predominantes para classificá-los conforme categorias.

Os quais foram representados em um mapa online, com fotografia de cada Grafite, descrição textual com informações descritivas, localização com coordenadas geográficas e marcador com a cor referente a categoria mapeada.

Dessa forma, os Grafites podem ser visualizados virtualmente. Ou, à partir do mapa online, podem ser elaboradas rotas de visitação presencial ou virtual.

Destarte, tal qual existe o Roteiro do Rock de Brasília, propomos cinco rotas de visitação aos Grafites invisíveis das Super Quadras de Brasília voltadas para o cicloturismo. Das quais três estão localizadas na Asa norte, e duas estão localizadas na Asa Sul. As quais podem ser utilizadas para visitação virtual, integradas ao mapa online dos Grafites nas Superquadras de Brasília.

As rotas de cicloturismo e turismo urbano se configuram como ferramentas poderosas para a valorização e promoção da arte urbana, especialmente do grafite. Ao incluir essas manifestações artísticas nos roteiros, as cidades demonstram reconhecimento pela cultura local, impulsionam o desenvolvimento econômico, promovem a educação e a conscientização e contribuem para a revitalização urbana.

Quanto à ferramenta utilizada, o *Google MyMaps*. Consideramos eficiente e de fácil utilização para a elaboração do Mapa Online dos Grafites das superquadras de Brasília. Bem como para a visibilidade dessa pinturas de arte urbana, já que o Mapa elaborado pode ser compartilhado via *Google Maps* e acessado de qualquer lugar.

Porém, para a elaboração das rotas de visitação. Identificamos que o *Google MyMaps* mesclou ruas, ciclovias e calçadas para elaboração dos trajetos. Portanto não priorizou as ciclovias. Dessa forma, recomendamos a atualização dos parâmetros da ferramenta para utilizar as ciclovias do Plano Piloto de forma preponderante. E recomendamos ainda a continuidade da pesquisa para aprimoramento das rotas de visitação.

Também recomendamos a continuidade dos estudos para elaboração de um plano de manutenção dos Grafites, o qual poderá utilizar as rotas de

visitação. Bem como, para a ampliação do Mapeamento online dos Grafites para cidade como Ceilândia, por exemplo.

Além disso, um possível estudo decorrente dessa pesquisa é a identificação das causas da alta densidade de Grafites na Asa Norte, principalmente nas Superquadras 200 e 400 N.

O cicloturismo é uma atividade com grande potencial para o desenvolvimento socioespacial de um território. No entanto, é importante que seu desenvolvimento seja planejado e gerido de forma responsável, a fim de minimizar os impactos negativos e maximizar os benefícios para a comunidade local. É fundamental que o poder público, em conjunto com a sociedade civil, trabalhe para garantir que o cicloturismo seja um instrumento de inclusão social, promoção da sustentabilidade e valorização do patrimônio cultural local.

A metodologia utilizada permitiu a elaboração de rotas de visitação aos Grafites das Superquadras de Brasília, com uso de bicicletas. Especificadas em cinco rotas que abarcam os 86 Grafites mapeados. Bem como possibilitou a especificação de cada rota conforme a localização em Norte ou Sul, e conforme as Superquadras onde estão localizados os Grafites em: 200 e 400, 100 e 300.

As rotas foram elaboradas para o uso de bicicletas. Mas, também podem ser utilizadas para visitação virtual, online, integrando as rotas ao Mapa online dos Grafites, servindo como uma orientação de início e fim e de ordem a ser seguida. Podendo o usuário escolher por qual rota iniciar, bem como a orientação (norte-sul, sul-norte).

Ao percorrerem as rotas, os ciclistas e turistas podem se deparar com murais coloridos que retratam a história e a identidade do local, grafites que denunciam injustiças sociais e intervenções artísticas que provocam reflexões sobre o mundo ao nosso redor. Essa experiência vai além da contemplação estética, promovendo o engajamento com a comunidade local e a compreensão de diferentes realidades.

Porém, há que ser ressaltado, que para a elaboração das rotas, a ferramenta *Google Mymaps* mesclou ciclovias, calçadas e ruas. Indicando necessidade de aprimoramento das rotas elaboradas.

Os aspectos indicados nesse trabalho indicam a necessidade de aprimoramento das rotas de visitação aos Grafites das Superquadras de Brasília. Bem como o aprimoramento da infraestrutura para o ciclismo, com pontos de apoio aos ciclistas para guardar a bicicleta enquanto observa os Grafites.

Além disso, o mapeamento das rotas realizado abre possibilidades para continuidade da pesquisa em estudos futuros. Os quais podem versar sobre: aprimoramento das rotas de visitação, integração com atrações gastronômicas, elaboração de um plano de monitoramento das mudanças nos Grafites e de manutenção com uso das rotas de visitação.

Consideramos a metodologia utilizada satisfatória para a elaboração de rotas com uso de bicicletas. Porém, por ter mesclado ciclovias, calçadas e ruas, aos trajetos, consideramos ineficaz para o foco nas ciclovias. Dessa forma, recomendamos a atualização dos parâmetros da ferramenta *Google Mymaps* para que preconize o uso das ciclovias na elaboração de rotas com uso de bicicleta, incluindo no seu processamento as ciclovias do Plano Piloto de Brasília.

Esta pesquisa revisou o conhecimento sobre a arte de rua e os grafites, com foco em suas características, simbolismo e impacto na sociedade. Demonstrou a relevância do mapeamento online como ferramenta para visibilidade, acessibilidade e valorização da arte urbana. Análise a relação entre arte de rua, cicloturismo e visibilidade no contexto das superquadras de Brasília, de forma crítica. E contribuiu para o debate sobre o papel da arte urbana na promoção do engajamento social, turismo cultural e desenvolvimento urbano sustentável.

E apesar dos avanços, ainda existem alguns desafios para a plena integração entre grafites, cicloturismo e a vida urbana em Brasília. A falta de manutenção da infraestrutura ciclável, a presença de obstáculos no trajeto, tais como: buracos, desníveis entre as placas de concreto, podem dificultar a



experiência dos ciclistas. Além disso, a desvalorização da arte urbana por parte de alguns segmentos da população ainda representa um desafio a ser superado.

Por fim, destacamos a importância da coexistência harmoniosa entre elementos modernistas e contemporâneos, moldando uma narrativa urbana que reflete a riqueza cultural e a progressão temporal da capital brasileira. A interseção entre a síntese modernista e a expressão do Grafite em Brasília representa não apenas uma coexistência, mas uma colaboração dinâmica entre passado e presente.

## Referências Bibliográficas

ABATE, G.; BRAMANTE, S.; MASSIMINO, M.R. Innovative Seismic Microzonation Maps of Urban Areas for the Management of Building Heritage: A Catania Case Study. *Geosciences*, 10, 480, p. 1-22, 2020.

ABRAMOVAY, M.; WAISELFISZ, J.J.; ANDRADE, C.C.; RUA, M.G. Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro, Garamond, 1999, 200 p.

ANDERSON, I. C. Going 'All City': The Spatial Politics of Grafite. *Graduate Journal of Visual and Material Culture*, Issue 5, p. 1-23, 2012.

ANDRADE, E.A.O.; MOURA, H.M.S.; BORGES, J.S. Objetos Virtuais para o Ensino e Aprendizagem no Ensino de Matemática: Simular, Analisar Percursos e Distâncias com Google My Maps. *Journal of Interdisciplinary Debates*, Vol. 03, n 04, p. 45-62, 2022.

AGAPITO, A.C.; DIESEL, U.B. (2013). Brasília para pessoas: a cidade como uma marca. *Universitas: Arquitetura e Comunicação Social* 10-2, pp. 73–89.

AHEARN, C., ed. 2002. *Yes Yes Y'all: Oral History of Hip-Hop's First Decade* (Cambridge, MA: Da Capo Press).

AHLGREN, P., PERSSON, O., TIJSSEN, R. (2013). Geographical distance in bibliometric relations within epis-temic communities. *Scientometrics*, 95, 771–784.

ALEXANDRAKIS, O. (2016). INDIRECT ACTIVISM: Grafite and Political Possibility in Athens, Greece. *Cultural Antropology*, Vol. 31, Issue 2, 272–292.

ALMEIDA, G. P.; VENTORINI, S. E. Mapeamento participativo de áreas de risco a movimento de massa no bairro Senhor dos Montes – São João Del-Rei, MG. *Caderno de Geografia, Uberlândia*, v. 24, n. especial, p. 79-94, 2014.

ALMENDRA, R.S. (2018). O Grafite na Cidade Modernista. *Urbana* 10-2, pp. 345–370.

ALMENDRA, R.S. (2021). Grafites e Intervenções Urbanas como Representações da Cidade: um olhar para o fenômeno em Brasília. *Tropos* 10-2, pp. 1–19.

ALMENDRA, R.S. (2022). Grafites na Zona Central de Brasília: desafios espaciais e narrativas em disputa. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Paranoá 33, Edição Temática Cidades em Disputa, pp. 1–16.

ALVAREZ, M. M. (2022). Monumentality and Anticolonial Resistance: Feminist Graffiti in Mexico. *Public Art Dialogue*, 12:2, 178–194.

AMILHAT-SZARY, A.L. Walls and border art: The politics of art display. *Journal of Borderlands Studies*, 27(2), p. 213–228, 2012.

ASAN, K., AKSOS, E.O. Bicycle Touring Experiences as a Social-Inclusion Activity for Visually Disabled Individuals. *Tourism and Hospitality Management*. Vol.28, No. 2, pp. 445-464, 2022.

ASHANTI, W. (2014). From Primitive to Integral: The Evolution of Graffiti Art. *Journal of Conscious Evolution*, Volume 11, Issue 11, 1-14.

AWAD, S. H.; WAGONER, B.; CLAVEANO, V.; The Street Art of Resistance. In: *Resistance in Everyday Life*. Singapore, Springer Nature, 2017, 161-181.

AWHU, H.E. (2022). Geography of Participation: Deepening the Understanding of the Participation Process in Time and Space. *Royal Dutch Geographical Society* 113-3, pp. 273–289.

AZEVÊDO, G.; NEVES, C.; LIRA, F. (2014). A paisagem do Plano Piloto de Brasília a partir de suas escalas. In: Zanchetti, S.M.; Azevêdo, G.M.; Neves, C.M. (ORGs). *A Conservação do Patrimônio no Brasil Teoria e Prática – I Seminário da Rede Conservação\_BR*, Olinda, pp. 133–144.

AZEVÊDO, G.; NEVES, C. (). O Graffiti Enquanto Comunicação Social Inserida nas Lógicas de Visibilidade Urbana. *Poder & Cultura* 8-15, pp. 361–376.

BALDIN, V.P. (2021). O Grafite Enquanto Comunicação Social Inserida nas Lógicas de Visibilidade Urbana. *Poder & Cultura* 8-15, pp. 361–376.

BALDINI, A. L. (2023). Grafite Writing as Creative Activism: Getting Up, Sheeplike Subversion, and Everyday Resistance. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, 81, 239–249.

BARBOSA, D.P. (2015). Brasília e arte urbana pelo grafite: escrevendo uma nova Cidade invisível. *VIS*, V. 14, n° 2, julho-dezembro, pp. 224–250.

BARROS, L. A.; BODSTEIN, A. Estudo de Estratégias Informatizadas de Baixo Custo Aplicadas à Defesa Civil no Município de Niterói-RJ em Prevenção de Desastres. In: I Congresso Brasileiro de Redução de Riscos de Desastres: Gestão Integrada em RRD no Brasil e o Marco de SENDAI para a Redução do Risco de Desastres 2015 – 2030. Curitiba, Paraná, Brasil – 12 a 15 de Outubro de 2016.

BAUDRILLARD, J. 1976. « Kool-Killer ou l'insurrection par les signes » in *L'échange symbolique ou la mort* (Paris: Gallimard), pp.118-128.

BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. 12.ed. rev. e ampl. São Paulo: SENAC, 2007.

BELOTTI, S. Bicycle tourism, from pandemic to sustainability: “Terre di Casole Bike Hub” Project. *Belgeo*, 3, 2022.

BESSA, W.A.; FEITOSA, L.S. (2004). Grafite e Pichação na Linguagem Visual Alternativa. *Foco* 16-5, pp. 01–19.

BIELINSKI, T., KWAPISZ, A. and Wa\_zna, A. (2019), “Bike-sharing systems in Poland”, *Sustainability*, Vol. 11, No. 9, p. 2458.

BISPO, A.N.M. (2020). Da perspectiva edênica à concepção paisagística de Brasília, cidade-parque. *PatryTer* 3-6, pp. 35–50.

BLANC, N.; BENISH, B. L. *Form, art and the environment: Engaging in sustainability*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2016.

BLAUTH, L.; POSSA, A.C.K (2012). Arte, Grafite e Espaço Urbano. *Palíndromo* 8, pp. 146–163.

BOICHOT, C. Centralités et territorialités artistiques dans la structuration des espaces urbains. Le cas de Paris et Berlin (PhD thesis) Paris: Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 2012.

BOREN, T.; YOUNG, C. (2013). Getting creative with the "Creative City"? Towards new perspectives on creativity in urban policy. *International Journal of Urban and Regional Research*, 37, 1799–1815.

BROACH, J.; DILL, J.; GLIEBE, J. Where do cyclists ride? A route choice model developed with revealed preference GPS data. *Transportation Research Part A*, 46, p. 1730-1740, 2012.

BUCKLEY, R. Environmental Input and Outputs in Ecotourism: Geotourism with a positive triple bottom line? *Journal of Ecotourism*, Research note, v. 2, n. 1, 2003.

BURK, A. L. (2006). Beneath and before: continuums of publicness in public art. *Social & Cultural Geography* 7, pp. 949–964.

CAIADO, M. C. S. (2005). Estruturação intra-urbana na região do Distrito Federal e entorno: a mobilidade e a segregação socioespacial da população. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 22(1), 55–88.

CALVERA, L.B.; FORTUÑO, B.B. El enfoque AICLE y los entornos de aprendizaje en línea: El papel de Google My Maps y la producción escrita de los estudiantes em Historia Antigua. *Verbeia*, Monográfico, Año V, Número 5, p. 26-56, 2021.

CAMPOS, R. (2017). O espaço tempo do Grafite e da street art. *Cidades* 34, pp. 1–21.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2003.

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CARTWRIGHT, W. Neocartography: Opportunities, Issues and Prospects. *South African Journal of Geomatics*, Cape Town, v. 1, n. 1, p. 14-31, 2012.

CASTRO, P. R. (2018). Lendo os muros: a apropriação do território pela arte do grafite. *Libertas* 18-1, pp. 53–74.

CHAKRABORTY, A.; WILSON, B.; SARRAF, S., & JANA, A. Open data for informal settlements: Toward a user's guide for urban managers and planners. *Journal of Urban Management*, 4(2), 74-91, 2015.

CHEN, C.; CJEN, P. Estimating recreational cyclists preferences for bicycle routes—Evidence from Taiwan. *Transp. Pol.* 2013, 26, 23–30.

CONOLE, G.; DYKE, M. What are the affordances of information and communication technologies? *ALT-J*, 12:2, p. 113-124, 2016.

COOPER, M.; CHAFLANT, H. 1988. *Subway Art* (New York: Owl Books)

COSTA, C.; LEE, S. (2019). The Evolution of Urban Spatial Structure in Brasília: Focusing on the Role of Urban Development Policies. *Sustainability* 11-553, pp. 1–21.

COSTA, E.B.; PELUSO, M.L. (2016). Imaginário urbano e situação territorial vulnerável na Capital do Brasil. *Biblio3W* XXI-1-151, pp. 1–36.

CRUZ, D. M.; COSTA, M.T. (2008). Grafite e Pichação – Que Comunicação é essa? *LINHAS* 9-2, pp. 95–112.

CUNHA, E.; UBELAKER, D. H. Evaluation of ancestry from human skeletal remains: a concise review. *Forensic Sciences Research*, 5(2), 89-97, 2020.

DAURIA, A. Urban cultural tourism: creative approaches for heritage-based sustainable development. *Int. J. Sustainable Development*, Vol. 12, Nos 2/3/4, 275-289, 2009.

DEBROUX, T. *Des artistes en ville. Géographie rétrospective des plasticiens à Bruxelles (1833–2008)* (PhD thesis) Bruxelles: Université Libre de Bruxelles, 2012.

DIALLO, D. "From the Street to Art Galleries: How Grafite Became a Legitimate Art Form", *Revue de recherche en civilisation américaine* [Online], Articles, Online since 23 December 2014.

DIGANGI, E. A.; MOORE, M. K. (Eds.). *Research methods in human skeletal biology*. Academic Press; 2012.

DEGEN, M., DESILVEY, C. ROSE, G. (2008). Experiencing visualities in designed urban environments: learning from Milton Keynes. *Environment and Planning A* 40, pp. 1901–1920.

DOEL M. (1999). *Poststructuralist geographies: The diabolical art of spatial science*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

DOWLING, R. Geotourism's global growth. *Geoheritage*. Online em 16 novembro 2010.

Dunford, C., Bannigan, K. and Rathmell, S. (2016), "Learning to ride a bike: Developing a therapeutic intervention", *Children Young People & Families Occupational Therapy Journal*, Vol. 20, No. 1, pp. 10-18.

DUFY, W.S. Utilizing Google My Maps in The Classroom. *Journal of College Academic Support Programs*, Volume 2, Issue 1, 18, pp. 59–60.

ELLEGARD, K. *Thinking Time Geography: Concepts, Methods and Applications*. London: Routledge, 2018.

ESTRADA, K.A.D.C.Q.; MARTÍNEZ, Y.I.C. Características y mapeo del acoso sexual callejero en León. *GénEros*, Número 32, Época 2, Año 29, septiembre de 2022 – Febrero de 2023, pp. 141–164.

FABIANI, J. L. *Carrières Improvisées: théories et pratiques de la musique de jazz em France*. in Raymonde Moulin (ed.).1999. *Sociologie de L'Art* (Paris: L'Harmattan). pp.231-245.

FALCO, E., VERRATTI, J.Z; KLEINHANS, R. Web-based participatory mapping in informal settlements: The slums of Caracas, Venezuela. *Habitat International*, Volume 94, p. 1-10, 2019.

FAULKS, P.; RITCHIE, B.; FLUKER, M. *Cycle Tourism in Australia: An Investigation Into its Size and Scope*. 2007.

FAUZY, A.R.; DEWI, E.O.; RIZARA, A.; RIDWANA, R.; YANI, A. Perbandingan ArcGIS dengan Google My Maps dalam Membantu Pembelajaran Sistem Informasi Geografis. *Jurnal Jurusan Pendidikan Geografi*, Vol. 10, No. 2, p. 186-196, 2022.

FERNANDES, W. O.; PASSOS, F. G.; SANTOS, J. C.; PACHECO, N. M. Quebrada Maps, Mobilizando Mapas Críticos e Participativos. *Giramundo*, v. 4, n. 8, p. 65-76, 2017.

FERNÁNDEZ, P. A. Nuevas prácticas cartográficas: democratización de la cartografía mediante las geotecnologías y su impacto en el desarrollo local. *Rev. estud. polít. estratég.*, Santiago, v. 4, n. 2, p. 54-71, 2016.

FONTANA, M., MONTORBIO, F., & RACCA, P. (2019). Topics and geographical diffusion of knowledge in top economic journals. *Economic Inquiry*, 57, 1771–1797.

FREITAS, G. Mulheres e cidade: uma cartografia dos grafites e pichações feministas pelas ruas de Brasília. *Automne* 18, pp. 191–205, 2020.

FREITAS, A.P.P. (2018). Olhares sobre a Capital Quinquagenária. *Urbana* 10-3, pp. 546–569.

FREITAS, A.V. (2016). O Espaço Urbano em Brasília e o Uso do Território como Recurso: Reflexões a partir de um Grande Projeto. *Casa da Geografia de Sobral* 18-1, pp. 132–144.

FREITAS, G. (2020). Mulheres e cidade: uma cartografia dos grafites e pichações feministas pelas ruas de Brasília. *Automne* 18, pp. 191–205.



FLÓREZ, P. (2013). Análisis Holístico de las Ciudades – Caso: Brasília. *Urbanamente* 8, pp. 1–68.

GAZZOLA, P., PAVIONE, E., GRECHI, D., OSSOLA, P. (2018), “Cycle tourism as a driver for the sustainable development of little-known or remote territories: the experience of the Apennine regions of Northern Italy”, *Sustainability*, Vol. 10 No. 6, p. 1863.

GEMEINBOECK P., DONG A., VERONESI F. (2007). Who writes the city. Paper presented at the Mobile Media Conference, University of Sydney, Sydney, Australia.

GRÉSSILON, B. Berlin, métropole culturelle. Paris: Belin, 2002.

GRÉSILLON, B. Géographie de l'art. Paris: Economica, 2014.

GRETZEL, U., FUCHS, M., BAGGIO, R., HOEPKEN, W., LAW, R., NEIDHARDT, J., (2020). E-tourism beyond covid-19: A call for transformative research. *Information Technology and Tourism*, 22, 187–203.

GUINARD, P. Johannesburg: l'art d'inventer une ville. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2014.

GUINARD, P.; MARGIER, A. Art as a new urban norm: Between normalization of the City through art and normalization of art through the City in Montreal and Johannesburg. *Cities*, 77, p. 13–20, 2018.

GOTTMANN, J. (1973). The Significance of Territory. Virginia: The University Press of Virginia.

HALL, T. (1997). Images of industry in the postindustrial city: Raymond Mason and Birmingham. *Cultural Geographies* 4, pp. 46–68.

HAN, H., YOON, H. (2015), “Hotel customers’ environmentally responsible behavioral intention: impact of key constructs on decision in green consumerism”, *International Journal of Hospitality Management*, Vol. 45, pp. 22-33.

HAWKINS, H. (2011). Dialogues and Doings: Sketching the Relationships Between Geography and Art. *Geographie Compass* 5/7, pp. 464–478.

HAWKINS, H. For creative geographies: Geography, visual arts and the making of worlds. London, New York: Routledge, 2013.

INACIO, A. I.; PATULEIA, M. Geoturismo, uma forma de Interpretação do Espaço Turístico: do Natural ao Urbano. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, N° 9, 91-102, 2013.

IVESON, K.; MCAULIFFE, C. (2022). Informality from above in the governance of graffiti and street art in Sydney, *Urban Geography*, pp. 1-24.

ISNARDIS, A. (1997). Pinturas Rupestres Urbanas: Uma Etnoarqueologia das Pichações em Belo Horizonte. *Revista de Arqueologia*, 10, pp. 143-161.

JAPÓN, J.M.S. (2015). Memoria, Iconografía y Paisaje: A Propósito del Uso de la Fotografía como Fuente Geográfica. *Investigaciones Geográficas* 63, pp. 33-44.

JUNIOR, L.M.; MARTINS, R.E.M.W.; FROZZA, M.V.C. Potencialidades da ferramenta Google My Maps para o ensino de geografia em Portugal. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 14, p. 1–17, jan./dez. 2020.

JUSTAMMAND, M. (2014). As Pinturas Rupestres no Brasil: Memória e Identidade Ancestral. *R. Mem.*, v. 1, n. 1, jan./abr., pp. 118-141.

KERSKI, J.J. Geo-awareness, Geo-enablement, Geotechnologies, Citizen Science, and Storytelling: Geography on the World Stage. *Geography Compass*, 9/1 (2015), pp 14-26.

KURTZ, H.E. Reflections on the iconography of environmental justice activism. *Area*, 37.1, p. 79–88, 2005.

KYIOTANI, I. (2014). O Conceito de Paisagem no Tempo. *Geosul*, v. 9, n. 57, jan./jun. 2014, pp. 27-42.

LE, T. H., ARCODIA, C., NOVAIS, M. A., KRALJ, A. (2019). What we know and do not know about authenticity in dining experiences: A systematic literature review. *Tourism Management*, 74, 258–275.

LEIPER, Neil. *Tourism Systems: an interdisciplinary perspective*. Palmerston North: Department of Management Systems, Massey University, Nova Zelândia, 1990.

LEE, C.; HUANG, H. The attractiveness of Taiwan as a bicycle tourism destination: A supply side approach. *Asia Pac. J. Tour. Res.* 2014, 19, 273–299.

LEFEBVRE, H. *Le droit à la ville*. Paris: Economica-Anthropos. (2009 [1968])

LI, J., XU, L., TANG, L., WANG, S., LI, L. (2018). Big data in tourism research: A literature review. *Tourism Management*, 68, 301–323.

LIM, S. E., OK, C. M. (2021). A meta-analytic review of antecedents of hospitality and tourism firms' performance: A cross-cultural comparison. *Tourism Management*, 86, 104325.

LOHMANN, P. (2020). Historical Grafite: The State of the Art. *Jems* 9: pp. 37-56.

LOW, B.; CARTER, M.R.; WOOS, E.; MITCHELL, C.; PROIETTI, M.; FRIEDMANN, D. Building an Urban Arts Partnership Between School, Community-Based Artists, and University. *LEARNING Landscapes*, Vol. 10, No. 1, Autumn 2016, 153-172.

MALDONADO-HINAREJOS, R.; SIVAKUMAR, A.; POLAK, J.W. Exploring the role of individual attitudes and perceptions in predicting the demand for cycling: A hybrid choice modeling approach. *Transportation* 2014, 41, 1287–1304

MANCO, T.; ARONOVICH, I.; CHIN, L.; NEELON, C. (2005). *Grafite Brasil*. Nova Iorque: Thames & Hudson.

MARTINS, A.A.C. (2008). Brasília: del Plan a la Realidad, 50 Años Después. *Caderno Urbano, Espacio, Cultura, Sociedad*, 7-7, pp. 166-182.

MCQUIRE, S. One map to rule them all? Google Maps as digital technical object. *Communication and the Public*, 4(2), 150-165, 2019.

MCQUIRE, S. Learning From Street View: Lessons in Urban Visuality. In *Visual and Multimodal Urban Sociology, Part A: Imagining the Sensory City* (pp. 141-160). Emerald Publishing Limited, 2023.

MCNIFF, K. Using Digital Tools to Explore Collective Memory. *The Journal of Interactive Technology & Pedagogy*, June, 10, p. 1–9, 2019.

MILES, M. *Art, space and the city*. London, New York: Routledge, 1997.

MILES, M. Interruptions: testing the rhetoric of culturally led urban development. *Urban Studies*, 42, p. 889–911, 2005.

MOLINA, G. *Les faiseurs de ville et la littérature: lumières sur un star-system contemporain et ses discours publics - Des usages de la littérature au service de l'action des grands architectes-urbanistes (PhD thesis)*Toulouse: Université Toulouse le Mirail, 2010.

MOLINA, G. La fabrique littéraire des territoires: quand l'Oulipo renouvelle les pratiques de l'aménagement urbain. *Territoire en mouvement*. (31), p. 1–20, 2016.

MOLINA, G. GUINARD, P. Arts in Cities - Cities in Arts”, *Articulo - Journal of Urban Research [Online]*, 15 | 2017

MOLPECERES, C. Políticas Públicas de Desarrollo Territorial Sustentable. Un Aporte Desde los Sistemas de Información Geográfica (SIG) para la Promoción de la Agroecología em el Partido de General Pueyrredon, Argentina. *Geographos*, Vol. 13, N° 150 p. 209–226, 2022.

MONDARDO, M.L.M.; GOETTERT, J.D. (2008). Territórios simbólicos e de resistência na cidade: grafias da pichação e do grafite. *Terr@plural*, 2(2), pp. 293-308.

MCAULIFFE, C. (2012). Graffiti or Street Art? Negotiating the Moral Geographies of the Creative City. *Journal of Urban Affairs*,34-2, pp. 189-206.

MULTOW, C. D. (1994). Systematic reviews: Rationale for systematic reviews. *BMJ*, 309, 597–599. *Scientometrics* 1 3.

NASCIMENTO, D.T.R. Propostas de Mapeamentos Colaborativos como Estratégias para o Ensino de Geografia. *Geosaberes*, v.10, n.22, p. 49–61, 2019.

NASCIMENTO, R.A.; STEINKE, V.A. Apontamentos Teóricos para a Relação entre Paisagem e Fotografia na Geografia. *Ra'eGa*, Curitiba, v.44, p. 21–35, mai/2018.

NOMEIKAITE, L. (2023). Street Art, heritage and affective atmospheres. *Cultural Geographies* 00(0), pp. 1-20.

NEWSOME, D.; DOWLING, R. *Geotourism: the tourism of geology and landscape*. Goodfellow Publishers, Oxford, 2010.

NICKERSON, N.P.; JORGENSON, J.; BERRY, M.; KWENYE, J.; KOZEL, D.; Schutz, J. *Analysis of Touring Cyclists: Impacts, Needs and Opportunities for Montana*. 2013.

OVERHOLTZER, L.; ARGUETA, J. R. Letting skeletons out of the closet: the ethics of displaying ancient Mexican human remains. *International Journal of Heritage Studies*, 24(5), 508-530, 2018.

PADDISON, R.; MILES, S. *Culture-led urban regeneration*. London, New York: Routledge, 2007.

PALAZZO, P. P.; SOLÓZANO, G. E. M. (2020). A “escala residencial” na superquadra de Brasília: Paradigma ou Mitificação. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Paranoá, Dossiê Especial Teoria, História e Crítica, pp. 107-128.

PALOMINO-VILLAVICENCIO, B., GASCA-ZAMORA, J., & LÓPEZ-PARDO, G. (2016). El turismo comunitario en México: perspectiva desde las instituciones y la gobernanza en territorios indígenas. *El periplo sustentable*, 30, 6-37.

PAHLEVAN-SHARIF, S., MURA, P., WIJESINGHE, S. N. (2019). A systematic review of systematic reviews in tourism. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 39, 158–165.

PAN, R. K., KASKI, K., FORTUNATO, S. (2012). World citation and collaboration networks: Uncovering the role of geography in science. *Scientific Reports*, 2, 1–7.

PARDUE, D. (2004). AN INTEGRATIVE FRAMEWORK FOR URBAN TOURISM RESEARCH. *Annals of Tourism Research*, Vol. 28, No. 4, 926-946.

PASTORIO, E. Valorizando as escolas do campo de São Gabriel/RS através da localização em ferramentas tecnológicas (google maps / my maps). In: *Anais do III Congresso Internacional Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura*, p. 507–513, set.2018.

PAVIANI, A. Geografia Urbana: pauta de problemas/soluções para agendar. *Cidades*, v.7, n.12, p. 207–225, 2010.

PAVIANI, Aldo. (Org.) *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasilia: Ed.UnB, 1991.

PEREA-MEDINA, Maria Jesus; NAVARRO-JURADO, Enrique; LUQUE-GIL, Ana María. Inteligencia territorial: Conceptualización y avance en el estado de la cuestión. Vínculos posibles con los destinos turísticos. In: *Cuadernos de Turismo* (41), 2018.

PESRCE, D. G. (2001). “Writing in the Margins”: Brazilian Hip-Hop as an Educational Project. *Antropology & Education Quarterly*, volume 35, issue 4, 411-432.

PETRELLA, M. L'iconografia digitale: biblioteche, globi virtuali, strumenti partecipativi per lo studio della storia della città: *Eikonocity*, 2016, anno I, n. 2, 11-26, 2016.

PUCHER, J.; BUEHLER, R. *City Cycling*; MIT Press: Cambridge, UK, 2012.

PUCHER, J.; BUEHLER, R. Making Cycling Irresistible: Lessons from The Netherlands, Denmark and Germany. *Transport Reviews*, 28:4, 495-528. 2008.

PYLARINOS, D. Using Google My Maps as a Geospatial Ticket Management System for Scheduling and Monitoring Power Distribution Network Works.

Engineering, Technology & Applied Science Research, Vol. 12, No. 1, p. 8143-8150, 2022.

RAFFESTIN, C. (1993). *Por uma Geografia do Poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática.

RIBEIRO, B. (2013). *Grafite Fine Art*. In: *Grafite fine art / Museu Brasileiro da Escultura - MUBE*. São Paulo: SESI SP.

RITCHIE, B.W.; Tkaczynski, A.; Faulks, P. Understanding the motivation and travel behavior of cycle tourists using involvement profiles. *J. Trav. Tour. Mark.* 2010, 27, 409–425.

RITCHIE, B. Bicycle tourism in the South Island of New Zealand: Planning and management issues. *Tour. Manag.* 1998, 19, 567–582.

RODRIGUES, M. L. Geoturismo. In: SIMÕES, J. M.; FERREIRA, C. C. (eds). *Turismos de nicho: motivações, produtos, territórios*. Centro de Estudos Geograficos, Universidade de Lisboa, p., 57- 62, 2009.

RODRIGUES M. L. Geoturismo: um recurso adicional para o desenvolvimento sustentável em áreas rurais. *Encontro Luso- Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geconservação*, 1, 2014, Coimbra. Livro de Resumo. Universidade de Coimbra, p. 51- 52, 2014.

ROCHA, J.C. (2013). *Diálogos entre as Categorias da Geografia: Espaço, Território, e Paisagem*. *Caminhos de Geografia*, v.9, n. 27, set/2008, pp. 128-142.

ROGER, A. *Court traité du paysage*. Paris: Gallimard, 1997.

ROSE, G. *Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. Sage Publications, Londres, 2001.

ROSSETI, P. (2013). *Brasília-patrimonio: ciudad y arquitectura moderna que enfrentan el presente*. *DEARQ* 12, pp. 42–55.

SABOIA, L.; LASSANCE, G.; PESCATORI, C.; CAPILLÉ, C. (2022). Brasília e a Possibilidade do Urbanismo não Utópico. *Oculum Ensaio* 19, pp. 1–16.

SAITO, Y.; OGUMA, Y.; INOUE, S.; BREUGELMANS, R.; KIKUCHI, H.; OKA, K.; OKADA, S.; TAKEDA, M.; CAIN, K.L.; SALLIS, J.F. Inter-rater reliability of streetscape audits using online observations: Microscale Audit of Pedestrian Streetscapes (MAPS) global in Japan. *Preventive Medicine Reports*, 30, p. 1-7, 2022.

SALLAS, A.L.F. Sobre experiências e pesquisa com imagens no universo do Grafite e Street Art. *Revista de Ciências Sociais*, v.47, n. 1, jan/jun, p. 101-121, 2016.

SANTOS, M. *Da Totalidade ao Lugar*. Edusp, São Paulo, 2005.

SANTOS, M. (1999). *A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC.

SANTOS, M. (2008). *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Edusp.

SANTOS, B.R.P.; Fernandes, M.V.L.; Damian, I.P.M.; Albuquerque, A.C. (2017). A valorização do grafite como documento de arquivo: uma abordagem interdisciplinar entre a competência em informação e a teoria da complexidade. *RICI* 11-2, pp. 481-497.

SERRA, M.S. (2016). El Cicloturismo e las Vías Verdes como Ejemplo de turismo sostenible. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, n.113, Septiembre, p. 187-209.

SIGNORET, P. (2011) .*Territoire, observation et gouvernance: Outils, méthodes et réalités*. Besançon, FR: Université de Franche-Comté.

SHOLIHAN, A.B.; WIDODO, J. Blended Learning in Heritage Conservation Course: Cultural Mapping and Google My Maps Platform. *Journal of Architecture and Built Environment*, Vol. 45, No. 2, p. 181-188, December 2018.

SIMONSEN, P.S.; JORGENSON, B.; ROBBINS, D. (1998). *Cycling Tourism*. Research Centre of Bornholm, Unit of Tourism Research. Online:



[https://crt.dk/wp-content/uploads/12\\_rapport\\_Cycling\\_tourism.pdf](https://crt.dk/wp-content/uploads/12_rapport_Cycling_tourism.pdf), acesso em nov/2023.

SILVA, L.C.; NASCIMENTO, D.T.F.; FABRICIO, L.V. Possibilidades de Construção de Conhecimento Geográfico a partir do Uso da Plataforma de Mapeamento Colaborativo Google My Maps. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v.12, n. 22, p. 5-31, 2022.

SILVA, F.W.; CASTRO, P.H.M. Diagnóstico ambiental do trecho urbano do ribeirão Tangará em Cornélio Procópio (PR): uma proposta didática para educação ambiental. *Revista Geografia e Pesquisa*, v.13, n. 2, p. 62-73, 2019.

SILVA, M. A. (2013). Quebrando Tabus. In: *Grafite fine art / Museu Brasileiro da Escultura - MUBE*. São Paulo: SESI SP.

SCHAAF, R.; WORRALL-HOOD, J.; JONES, O. (2017). Geography and art: encountering place across disciplines, *Cultural Geographies*, 24 (2), pp. 319-327.

SHARP, J. (2007). The life and death of five spaces: public art and community regeneration in Glasgow. *Cultural Geographies* 14, pp. 274–292.

SOHOR, A.; BRYDON, A.; FYS, M.; ZAZULIAK, P.; SOHOR, M. Web mapping of air pollution in Lviv. In: *Geoterrace*. Lviv, Ukraine – 4 - 6 October, 2021.

SOUSA, A.B.; FACUNDO, A.L.; GARCIA, T.C.M.; MOREIRA, M.F. Geotecnologias e Ensino de Geografia: uma proposta para estudar bacias hidrográficas usando o Google My Maps no Ensino Médio. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v.12, n. 22, p. 5-24, 2022.

SOUZA, E.G.; BLANCO, L.S. (2020). O Grafite e a Formação do Espaço Geográfico Urbano: Informação, Educação e Arte. *Geografia, Literatura e Arte* 2-1, pp. 141–159.

SHISHITO, A.A. (2017). A Nova Geografia Cultural de Cosgrove e o grafite como proposta de entendimento da paisagem. *Geografia e Pesquisa* 11-2, pp. 16–24.

SPANOS, Y.E.; PRASTACOS, G.P; POULYMENAKOU, A. The relationship between information and communication technologies adoption and management. *Information & Management*, 39, p. 659-675, 2002.

SPOCTER, M. A. This Is My Space: Grafite in Claremont, Cape Town. *Urban Forum*, Vol. 15, No. 3, July-September, p. 290-304, 2004.

STUEVE, A. M.; COOK S. D.; DREW, D. The Geotourism Study: phase 1 executive summary. Travel Industry Association of America, Washington, 2002.

SULIOK, J.; FEHÉRVÖLGYI, B.; CSISMADIA, T.; KATONA, A.I.; KOSZTYÁN, Z.T. (2023). Does geography matter? Implications for future tourism research in light of COVID-19. *Scientometrics*, January, pp. 1 – 37.

SUSTRANS (1999), Cycle tourism. Information pack, <https://funding4sport.co.uk/downloads/cycle-tourism.pdf>

SILVA, G. S. A. A TERRITORIALIZAÇÃO UNDERGROUND NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

YANG, E. C. L., KHOO-LATTIMORE, C., ARCODIA, C. (2017). A systematic literature review of risk and gender research in tourism. *Tourism Management*, 58, 89–100.

TAVARES, M.F.D.; NAKAGOMI, B. (2016). Brasília: Utopia Urbana e a Desconstrução da Paisagem Idealizada. In: XIV Coloquio Internacional de Geocrítica Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro, Barcelona, 2-7 de mayo de 2016, pp. 141–159.

TAYLOR, D. R. F. Maps and mapping in the information era. In: ICA CONFERENCE, 18TH, Stockholm, 1997. Proceedings... Gavle: Swedish Cartographic Society, 1997.

TEDESCO, A.P.P.C.; HAMANN, C. (2017). Intervenções Visuais Urbanas: Sensibilidade(s) em Arte, Grafite e Pichação. *Psicologia e Sociedade* 29, pp. 1–10.

TEMPLIER, M., PARÉ, G. (2018). Transparency in literature reviews: An assessment of reporting practices across review types and genres in top journals. *European Journal of Information Systems*, 27, 503–550.

TILL, K. E. Interim use at a former death strip? Art, politics and urbanism at Skulpturenpark Berlin Zentrum. In: M. Silbermann (ed). *The German Wall Fallout in Europe*, London, Palgrave Macmillan, p. 99-122, 2011.

TONINI, I. M.; KAERCHER, N., GIORDANI, A. C. C., CASTROGIOVANNI, A. C.; COSTELLA, R.Z. *Aprender a ensinar Geografia: a vivência como metodologia*. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

TSOU, M. H. Revisiting Web Cartography in the United States: the rise of user-centered design. *Cartography and Geographic Information Science*, v. 38, n. 3, p. 250-257, 2011.

ULMER, J. (2016). Photography interrupted: A hypermodal assemblage. *Qualitative Inquiry*, 22, 176-182.

ULMER, J., KORO-LJUNGBERG, M. (2015). Writing visually through (methodological) events and cartography. *Qualitative Inquiry*, 21, 138-152.

ULMER, J. (2017). Writing Urban Space: Street Art, Democracy, and Photographic Cartography. *Cultural Studies – Critical Methodologies*, Volume 17, Issue 6, 491-502.

VASCONCELOS, P. A. The Study of Cities in Brazilian Geography. In González, R. C. L. & Junior, M.A.M. (Eds.). *Brazilian Geography*, pp. 97–113. Singapore: Springer, 2022.

VIEIRA, M. M.; BENDINI, J.N. Mapeamento dos meliponários educativos da região Nordeste: no caminho da conservação das abelhas nativas. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, pp. 1–10, 2021.

VIRREIRA, R.Z. (2020). Cuerpos a contracorriente y pensamiento feminista en el escenario de la calle: Mujeres creando, feminismo anarquista boliviano. *Automne* 18, pp. 147–151.

VIVANT, E. Experiencing research-creation in urban studies. Lessons from an inquiry on the making of public space. *Cities*, 77 (2018), 60-66.

VOLVEY, A. Spatialités d'une land activité: le Land Art à travers l'œuvre de Christo et Jeanne-Claude. In A. Boissiere, V. Fabbri, & A. Volvey (Eds.). *Activité artistique et spatialité*, pp. 91–134. Paris: Harmattan, 2010.

YEH, C.C., LIN, C. J.Y., HSIAO, J.P.H, HUANG, C.H. The Effect of Improving Cycleway Environment on the Recreational Benefits of Bicycle Tourism. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2019, 16, 3460.

WARDHANA, N.; ELLISA, E. (2023). Youth tactics of urban space appropriation: case study of skateboarding and graffiti. *Journal of Asian Architecture and Building Engineering*, pp. 1–18.

WEBER, K. P.; BERLATO, L. F.; GONÇALVES, B. S.; FIGUEIREDO, L. F. G. The consumption of cultural experiences in city tourism. *Tourism and Hospitality Research*, Vol. 17(3) 264–271, 2017.

WICKENS, E.; BERLATO, L. F.; GONÇALVES, B. S.; FIGUEIREDO, L. F. G. Mapas digitais interativos como ferramenta de auxílio na gestão de projetos em design: uma análise da plataforma My maps. *Gestão e Tecnologia de Projetos*, São Carlos, v.16, n.1, p.109-126, jan.2021.

WOOD L.; KROGER, R. *Doing discourse analysis: methods for studying action in talk and text* Sage Publications, Thousand Oaks, CA, 2000.

WU, J. (2013). Geographical knowledge diffusion and spatial diversity citation rank. *Scientometrics*, 94, 181–201.

ZEBRACKI, M. (2012). *Public artopia: Art in public space in question*. Amsterdam: Pallas Publications, 2012.

ZUKIN, S. (1995). *The cultures of cities*. Cambridge, Oxford, Victoria: Blackwell Publishers, 1995.

#### Legislação:

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2023].

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 fev. 1998.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 6.094, de 02 de fevereiro de 2018. Institui o Programa de Combate a Pichações no Distrito Federal. Diário Oficial do Distrito Federal, Brasília, DF, 05 fev. 2018.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 39.174, de 03 de julho de 2018. Institui a Política de Valorização do Grafite e altera o § 1º, do art. 1º, do Decreto nº 27.328, de 19 de outubro de 2006. Diário Oficial do Distrito Federal, Brasília, DF, 04 jul. 2018.

#### Filmes e documentários:

Silver, Tony and Henry Chalfant (Producers). 1984. Style Wars (New Day Films)

#### Sítios da web:

<https://www.df.gov.br/picasso-nao-pichava/> (acesso em 29/06/23)

<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2017/11/27/programa-picasso-nao-pichava-certifica-110-alunos/> (acesso em 29/06/23)

[https://commons.wikimedia.org/wiki/Cueva\\_de\\_las\\_manos](https://commons.wikimedia.org/wiki/Cueva_de_las_manos) (acesso em 29/06/23)